



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



MILLANY PORTO OLIVEIRA DE SENA

**HARMONIA ROSALES E SILVANA MENDES: PROTAGONISMO DE
ARTISTAS NEGRAS NO ENSINO DE ARTE**

CAMPO GRANDE – MS

2025

MILLANY PORTO OLIVEIRA DE SENA

**HARMONIA ROSALES E SILVANA MENDES: PROTAGONISMO DE ARTISTAS
NEGRAS NO ENSINO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Simone Rocha de Abreu

CAMPO GRANDE – MS

2025

MILLANY PORTO OLIVEIRA DE SENA

**HARMONIA ROSALES E SILVANA MENDES: PROTAGONISMO DE ARTISTAS
NEGRAS NO ENSINO DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de
Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso
do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado
em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Simone Rocha de Abreu

COMISSÃO JULGADORA

Dra. Simone Rocha de Abreu
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dra. Rozana Vanessa Valentim de Godoi
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Ms. Ana Carolina Delgado Sandim Taveira
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE – MS

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e a Nossa Senhora por terem me protegido durante toda esta etapa da minha vida.

A minha mãe, Carolina Soares de Oliveira, e à minha madrinha, Renata Soares de Oliveira Angelozi, por todo apoio, carinho e incentivo. Obrigada por sempre me colocarem para cima, por não deixarem que eu desistisse, sem vocês, nada disso seria possível.

Agradeço também ao meu amigo Carlos Vinícius, pela ajuda essencial na discussão deste TCC, pelo apoio constante para que este trabalho virasse realidade.

A professora Ana Carolina Sandim, por ter discutido comigo assuntos importantes do meu PC, por sua disponibilidade e pela contribuição valiosa para minha formação durante esse processo.

Aos alunos do curso de graduação do 4º semestre de Artes Visuais da UFMS, pela confiança e contribuição para a produção deste projeto de curso.

Agradeço, com muito carinho, aos meus amigos de graduação Ana Laura, Ernesto, Maísa e Thalita, por estarem comigo em todos os processos, por me abraçarem, me incentivarem e por todos os momentos bons que vivemos juntos na faculdade. Vocês tornaram essa caminhada muito mais leve e especial.

E deixo um agradecimento especial à minha professora, orientadora e amiga Simone Rocha de Abreu, que me acompanhou em todo o caminho. Obrigada por acreditar em mim, pelo apoio, pela paciência, pela confiança no meu trabalho e no meu potencial, e por sempre tirar o melhor em mim. Seu papel foi fundamental para que este TCC se tornasse uma das melhores experiências da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho discute o protagonismo de artistas negras no ensino de Arte, tomando como base as produções de Harmonia Rosales e Silvana Mendes. A pesquisa parte da crítica ao currículo eurocêntrico ainda predominante na educação básica e superior no Brasil, que invisibiliza corpos, narrativas e produções artísticas negras. O estudo propõe uma abordagem antirracista e decolonial, defendendo a importância da representatividade e da construção de repertórios visuais que reflitam a pluralidade cultural brasileira. A partir das obras das artistas selecionadas, analisam-se estratégias visuais que ressignificam a presença de corpos negros, especialmente de mulheres, como protagonistas da história da arte. A pesquisa inclui também a aplicação de um projeto pedagógico com estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS, articulando teoria e prática por meio da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Os resultados indicam que práticas pedagógicas antirracistas ampliam a consciência crítica, fortalecem o pertencimento e contribuem para a formação de educadores comprometidos com a diversidade e a justiça social. Conclui-se que inserir artistas negras no ensino de Arte é um gesto político e formativo fundamental para transformar narrativas e promover uma educação estética mais inclusiva e democrática.

Palavras-chave: Arte contemporânea; antirracismo; mulheres negras; educação; decolonialidade; representatividade; Harmonia Rosales; Silvana Mendes.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Harmonia Rosales, <i>A Criação de Deus</i> (2017).....	12
Fig. 3 – Harmonia Rosales, <i>Eu Existo</i> (2018).....	15
Fig. 4 – Michelangelo, <i>Cristo na Cruz</i> (1541).....	15
Fig. 5 – Ticiano, <i>Crucificação</i> (1558).....	15
Fig. 6 – Michelangelo, <i>O Juízo Final</i>	17
Fig. 7 – Harmonia Rosales, <i>Ainda Assim Nos Levantamos</i> (2021).....	17
Fig. 8 – Harmonia Rosales, <i>O Nascimento de Oxum</i> (2017).....	19
Fig. 11 – Leonardo da Vinci, <i>O Homem Vitruviano</i> (1490).....	22
Fig. 12.1 – Silvana Mendes, <i>Afetocolagens Série I</i> (2019).....	24
Fig. 12.2 – Alberto Henschel, <i>Tipos Negros</i>	24
Fig. 13.1 – Silvana Mendes, <i>Afetocolagens Série I</i> (2019).....	25
Fig. 13.2 – Alberto Henschel, <i>Mulher de turbante</i> (c. 1870).....	25
Fig. 14.1 – Silvana Mendes, <i>Afetocolagens Série I</i> (2019).....	26
Fig. 14.2 – Alberto Henschel, <i>Mulher negra em Pernambuco</i> (c. 1869).....	26
Fig. 15 – Sandro Botticelli, <i>Primavera</i> (1482).....	27
Fig. 16 – Silvana Mendes, <i>Afetocolagens Série I</i> (2019).....	27
Fig. 17.1 – Silvana Mendes, <i>Afetocolagens Série I</i> (2019).....	28
Fig. 17.2 – Alberto Henschel, <i>Retrato da negra de Pernambuco</i> (1869).....	28
Fig. 18.1 – Silvana Mendes, <i>Afetocolagens Série I</i> (2019).....	29
Fig. 18.2 – Alberto Henschel, <i>Babá com o menino Eugen Keller</i> (1874).....	29
Fig. 24, 25 e 26 – Mapa de Conexões.....	33
Fig. 27, 28 e 29 – Roda de conversa com Luna Sena e Prof. ^a Fabiola Lima.....	34
Fig. 30, 31, 32, 33 e 34 – Prática de ateliê.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO.....	11
2. HARMONIA ROSALES E SILVANA MENDES: RESSIGNIFICANDO OS CORPOS NEGROS.....	14
2.1 HARMONIA ROSALES E A RENASCENÇA.....	16
2.2 SOBRE SILVANA MENDES.....	24
2.2.1 COMPOSIÇÕES DA NEGRITUDE HUMANIZADA.....	25
3 PROPOSTA PEDAGÓGICA: ARTE, ANTIRRACISMO E PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA.....	32
4 RESULTADOS E ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PROJETO DE CURSO.....	34
4.1 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS E OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS.....	34
4.2 SÍNTESE ANALÍTICA E CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6 REFERÊNCIAS.....	74
7 APÊNDICES.....	46
APENDICE A – Projeto de Curso.....	46
APENDICE B – Questionário dos alunos sobre a roda de conversa.....	76
APENDICE C – Questionário online da produção das obras.....	76
9. ANEXOS.....	76

INTRODUÇÃO

A arte, como linguagem estética e instrumento formativo, desempenha um papel central na construção de identidades, subjetividades e sentidos de pertencimento. No entanto, o ensino de Arte na educação básica brasileira ainda reflete, em grande parte, uma perspectiva eurocêntrica, que privilegia artistas e movimentos oriundos da tradição europeia em detrimento de produções visuais vinculadas a outras matrizes culturais. Essa lógica excludente colabora para a reprodução de desigualdades simbólicas, pois silencia vozes, corpos e histórias que compõem a diversidade social do país. Diante desse cenário, este Trabalho de Conclusão de Curso propõe uma reflexão crítica sobre o ensino de Arte a partir de uma abordagem antirracista, com ênfase na valorização da produção artística de mulheres negras contemporâneas, visando sua inserção e permanência no contexto escolar.

Observa-se uma escassez de conteúdos que promovam a representatividade de artistas negras, latino-americanas ou indígenas nas escolas. Quando presentes, essas referências são, muitas vezes, tratadas de maneira pontual, fragmentada ou meramente ilustrativa, sem a devida problematização de seus contextos históricos e sociais. Esse esvaziamento dificulta o desenvolvimento de um pensamento crítico e impede que os estudantes da educação básica se reconheçam como sujeitos históricos produtores de cultura e conhecimento.

Assim, compreende-se que o espaço onde a transformação mais urgente deve ocorrer é a escola, ambiente no qual o currículo e as práticas pedagógicas impactam diretamente a formação identitária dos estudantes. Contudo, para que essa mudança seja efetiva e contínua, é necessário que os futuros professores sejam preparados durante sua formação inicial para desenvolver práticas antirracistas. Nesse sentido, este trabalho direciona suas ações aos licenciandos do curso de Artes Visuais, entendendo que são eles os responsáveis por levar essa transformação para o ensino básico.

Este estudo toma como objeto de análise e ação pedagógica as obras das artistas Harmonia Rosales e Silvana Mendes, cujas produções propõem uma revisão crítica das narrativas hegemônicas da história da arte. Rosales, artista afro-cubana, ressignifica obras clássicas ao reposicionar corpos negros femininos como protagonistas de cenas historicamente ocupadas por figuras brancas e masculinas. Já Silvana Mendes, artista brasileira, trabalha com colagem digital, fotografia e vídeo para abordar temas como identidade, ancestralidade, corpo e memória, desafiando estereótipos e promovendo novas formas de representação da negritude na arte contemporânea.

Como fundamentação teórica, este trabalho se apoia nas ideias de Ana Mae Barbosa, com sua proposta triangular de ensino da Arte, e de bell hooks, especialmente no livro *Ensinando a transgredir*, além das contribuições de Djamila Ribeiro sobre representatividade e combate ao racismo. Esses referenciais oferecem subsídios para uma prática pedagógica comprometida com a valorização da diversidade e com a formação de professores capazes de promover mudanças significativas no ambiente escolar. A metodologia utilizada será qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, por meio da aplicação de atividades com licenciandos, incluindo exibição e análise de obras, debates, questionários e produção artística coletiva.

A partir desse recorte, este estudo busca responder à seguinte problemática: Como o ensino de Arte pode contribuir para a formação de uma consciência crítica antirracista em futuros professores, a partir da valorização da produção artística de mulheres negras contemporâneas? Com isso, o objetivo geral deste TCC é desenvolver uma proposta pedagógica que promova práticas antirracistas no ensino de Arte, preparando licenciandos para aplicá-las na educação básica. Como objetivos específicos, pretende-se: (1) refletir sobre a representatividade negra no ensino de Arte e a necessidade de ações contínuas de combate ao racismo nas escolas; (2) analisar como as obras das artistas selecionadas podem ser trabalhadas pedagogicamente para ampliar o repertório visual dos estudantes da educação básica; (3) propor estratégias metodológicas que estimulem o pensamento crítico e a valorização da diversidade cultural no ambiente escolar, por meio da atuação de futuros professores.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de ampliar os debates sobre racismo estrutural, identidade e representatividade na educação básica brasileira, reconhecendo o papel da Arte como instrumento de transformação social no contexto escolar. Ao preparar futuros professores para inserir artistas negras e suas produções no cotidiano das escolas, contribui-se para a desconstrução de narrativas coloniais, para o fortalecimento da autoestima de estudantes racializados e para a promoção de uma educação mais inclusiva, democrática e plural.

A estrutura deste trabalho está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a educação básica e o papel da escola na reprodução e no combate às desigualdades raciais, refletindo sobre as contribuições do ensino de Arte para uma proposta antirracista. O segundo capítulo apresenta a trajetória e as produções artísticas de Harmonia Rosales e Silvana Mendes, promovendo leituras dessas produções com enfoque nas questões raciais. O terceiro capítulo é dedicado à construção e aplicação de propostas pedagógicas antirracistas com licenciandos em

Artes Visuais, durante sua formação inicial, visando à futura atuação desses professores na educação básica. O capítulo final apresenta os resultados e análises da experiência pedagógica.

1. POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO

Embora a formação inicial ocorra na universidade, é na educação básica que a transformação mais urgente deve se consolidar, por meio da atuação dos professores. A escola é o espaço onde o currículo e as práticas pedagógicas impactam diretamente a formação identitária dos estudantes, tornando essencial que futuros docentes sejam preparados para desenvolver práticas antirracistas desde o início de sua carreira. No entanto, como observado na introdução, a educação em Artes ainda reflete, em muitos casos, uma perspectiva eurocêntrica, que privilegia artistas e movimentos europeus em detrimento de produções de outras matrizes culturais, especialmente aquelas produzidas por mulheres negras. Essa lógica excludente não apenas silencia histórias e experiências racializadas, mas também limita, no caso da formação de professores no ensino superior, a capacidade dos futuros professores de Arte de dialogar com a diversidade cultural e social contemporânea.

Historicamente, o currículo em Artes privilegia artistas brancos e europeus, reforçando padrões estéticos e simbólicos que marginalizam corpos, narrativas e culturas negras. Tal exclusão simbólica contribui para a reprodução de desigualdades estruturais e dificulta a construção de repertórios críticos, afetando tanto a formação acadêmica quanto a atuação profissional dos estudantes (TATE, 2019). Conforme Djamila Ribeiro (2019) afirma, combater o racismo envolve não apenas ações externas, mas também o questionamento das estruturas simbólicas que naturalizam desigualdades. No contexto acadêmico, isso significa problematizar quais artistas, quais corpos e quais histórias são representados, e de que forma essas escolhas formam a percepção dos estudantes sobre arte, cultura e poder.

O ensino de Arte no ensino superior, quando orientado por uma perspectiva antirracista, possibilita a problematização de narrativas hegemônicas e a construção de repertórios críticos. A partir de atividades que envolvem leitura de imagens, análise crítica de obras, debates e produção artística, os estudantes podem compreender como a arte reproduz e desafia estruturas sociais e raciais, reconhecer a importância de artistas negras e negros na construção cultural e estética, e desenvolver habilidades de reflexão crítica e expressão artística fundamentada. Como observa bell hooks (1995), a educação como prática de liberdade exige que os educadores

desafiem o status, incentivando os estudantes a questionarem sistemas de opressão e a construir conhecimento crítico e transformador.

A fundamentação teórica para essa abordagem se apoia em três referenciais centrais. Primeiro, Ana Mae Barbosa (2003), com sua abordagem triangular do ensino de Arte, que articula apreciação, contextualização e produção artística (em qualquer ordem), possibilitando que os estudantes compreendam obras em seus contextos e dialoguem com elas de forma crítica e criativa. A autora bell hooks (1995), enfatiza a importância de problematizar desigualdades raciais e de gênero, promovendo a educação como espaço de resistência, emancipação e transformação social. Complementarmente, Djamila Ribeiro (2019), em *Pequeno Manual Antirracista*, destaca que reconhecer a diversidade e a representatividade é essencial para desestabilizar estruturas racistas e construir práticas educativas que promovam equidade e justiça social. Para Djamila Ribeiro, a inclusão de vozes negras na educação não é apenas uma questão de representação, mas de reparação histórica e política, ampliando o acesso de todos os estudantes a referências plurais e críticas.

No contexto universitário, a implementação de práticas pedagógicas antirracistas em Arte pode incluir: análise crítica de obras de artistas negras e negros contemporâneos; produção artística fundamentada em pesquisa e debate; desenvolvimento de exposições que problematizem narrativas históricas; e projetos de intervenção cultural que articulem teoria e prática. Tais estratégias permitem que os estudantes reflitam sobre suas próprias práticas, questionem padrões estéticos e sociais, e compreendam a arte como ferramenta de resistência e transformação cultural.

Dessa forma, o ensino de Arte no ensino superior torna-se um espaço de resistência simbólica e cultural, capaz de desafiar narrativas hegemônicas e ampliar a percepção crítica dos estudantes. A valorização de artistas como Harmonia Rosales e Silvana Mendes, por exemplo, torna-se um gesto pedagógico e político, afirmando o direito à memória, à representatividade e à construção de práticas acadêmicas inclusivas e plurais. Como observa Bell Hooks (1995), educar é um ato de esperança e liberdade, e, nesse sentido, incluir artistas negras e negras no currículo universitário fortalece o papel da educação como ferramenta de emancipação.

Em síntese, este capítulo evidencia que o ensino de Arte no ensino superior, quando orientado por princípios antirracistas e fundamentado em referenciais críticos como Ana Mae Barbosa, Bell Hooks e Djamila Ribeiro, desempenha papel estratégico na formação de profissionais conscientes, críticos e socialmente engajados. Ao problematizar desigualdades simbólicas, ampliar repertórios culturais e fortalecer a representatividade, a educação superior

contribui para a construção de uma prática artística e pedagógica plural, ética e transformadora, preparando futuros educadores, artistas e pesquisadores para atuar de forma crítica, inclusiva e comprometida com a justiça social.

Neste sentido, obras como *Pretas de Elite* (Oliveira Angelozi, 2020), que reúnem uma coletânea de histórias pessoais de mulheres pretas e suas vivências em uma sociedade racista e machista, que foi publicado pela SEMED – Campo Grande, Mato Grosso do Sul – de autoria da professora e diretora de escola Renata Soares de Oliveira Angelozi, exemplificam trajetórias de mulheres negras que desafiam estereótipos e ocupam posições de destaque em espaços historicamente excludentes, evidenciando que a representação negra não se limita à resistência simbólica, mas se manifesta na ocupação efetiva de espaços de poder, visibilidade e criação.

Djamila Ribeiro (2019), em *Pequeno Manual Antirracista*, destaca que a luta antirracista envolve não apenas confrontar estruturas externas, mas também alterar a percepção social sobre quem merece protagonismo e autoridade. De forma complementar, bell hooks (1995) argumenta que a educação deve ser uma prática de liberdade, permitindo que estudantes compreendam como sistemas de opressão racial e de gênero moldam percepções de valor e pertencimento. A partir dessas perspectivas, narrativas como as de *Pretas de Elite* reforçam que a transgressão de papéis raciais é também uma forma de resistência pedagógica: mostrar protagonistas negras ocupa o imaginário dos estudantes, questiona preconceitos internalizados e oferece modelos de referência que rompem com padrões hegemônicos de poder e visibilidade.

Quando aplicadas ao ensino de Arte, essas discussões ampliam o repertório crítico dos estudantes, incentivando que identifiquem como a produção artística, seja visual, performática ou literária, pode atuar politicamente, desconstruindo estereótipos e propondo novas formas de representação da negritude. Assim, o protagonismo das mulheres negras contemporâneas, exemplificado por obras literárias, empreendedoras e visuais, articula-se ao debate sobre representação estética e pedagógica, reforçando a necessidade de práticas educativas que incorporem diversidade, crítica e empoderamento cultural.

2. HARMONIA ROSALES E SILVANA MENDES: RESSIGNIFICANDO OS CORPOS NEGROS

A história da arte ocidental consolidou, ao longo dos séculos, uma estética que privilegia corpos brancos e narrativas eurocêtricas. Com a chegada dos europeus ao continente

americano, tiveram início dois processos: a organização colonial do mundo e a modernidade, neste sentido Edgard Lander (2005, p. 10) destaca que:

Com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo mas - simultaneamente - a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória e do imaginário. Dá-se início ao longo processo que culminará nos séculos XVIII e XIX e no qual, pela primeira vez, se organiza a totalidade do espaço e do tempo - todas as culturas, povos e territórios do planeta, presentes e passados - numa grande narrativa universal. Nessa narrativa, a Europa é - ou sempre foi - simultaneamente o centro geográfico e a culminação do movimento temporal. Nesse período moderno primevo/colonial dão-se os primeiros passos na articulação das diferenças culturais em hierarquias cronológicas e do que Johannes Fabian chama de a negação da simultaneidade. Com os cronistas espanhóis dá-se início a “massiva formação discursiva de construção da Europa/Ocidente e o outro, do europeu e o Índio, do lugar privilegiado do lugar de enunciação associado ao poder imperial. (LANDER, 2005, p. 10).

As obras do Renascimento mais conhecidas e divulgadas pela disciplina História da Arte, amplamente reconhecidas como marcos da produção artística, reforçaram um imaginário em que figuras negras frequentemente não aparecem ou são relegadas a papéis secundários, portanto esta população foi, muitas vezes, invisibilizada. No entanto, a artista afrocubana Harmonia Rosales (1984 –) surge como uma voz disruptiva nesse cenário, resignificando obras consideradas clássicas¹ e inserindo o corpo negro como protagonista em composições historicamente cristalizadas.

Fig 1 – Harmonia Rosales, A Criação de Deus (2017). Óleo sobre tela, 120 x 100 cm.



Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/creation-of-god>. Acesso em: 14/03/2025.

¹ Com a expressão “consideradas clássicas” queremos dizer obra artísticas com valor histórico e artístico que ultrapassaram o tempo de criação e transcenderam a vivência dos seus autores, clássico em história da arte se refere-se aos períodos de Grécia Antiga e Império Romano, períodos esses referenciados no Renascimento (renascer de Grécia e Roma) e o período Neoclássico.

Nascida em Chicago, em 6 de fevereiro de 1984, Rosales cresceu em um ambiente culturalmente diverso. Filha de um cubano de Havana e de uma ilustradora jamaicana-judaica, sua trajetória artística foi influenciada por múltiplas referências, desde a produção visual de sua mãe, Melodye Benson Rosales, até os ensinamentos de sua avó paterna sobre a religiosidade *Lukumi*² e a herança afrocubana. Essa fusão de elementos foi determinante para a construção de sua poética visual, que dialoga diretamente com o conceito de giro decolonial, deslocando a centralidade eurocêntrica na arte para a valorização de identidades negras (TEMPLO LUKUMI, 2025).

Atualmente, Rosales é reconhecida por suas obras de obras renascentistas, nas quais substitui as figuras brancas por personagens, na maioria mulheres, e negras, desafiando as convenções estéticas e epistemológicas da arte ocidental. Um de seus trabalhos mais emblemáticos, *A Criação de Deus* (2017) (fig. 1), propõe uma ressignificação da célebre *A Criação de Adão* (fig. 2), de Michelangelo, pintura central do teto da Capela Sistina. Na versão da artista, tanto Deus quanto Adão são representados como mulheres negras, uma escolha que questiona as hierarquias raciais e de gênero historicamente perpetuadas pela iconografia cristã. É importante ressaltar que na obra de Rosales, é uma mulher que cria uma deusa, ao invés do que a religião cristã, na qual Michelangelo se baseou, na qual Deus cria o homem.

Fig. 2 – Michelangelo, *A Criação de Adão* (1512). Afresco, 280 x 570 cm.



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/a-criacao-de-adao-michelangelo/>. Acesso em: 14/03/2025.

A Criação de Adão, de Michelangelo, representa Deus como um homem branco e poderoso, criando Adão — também branco e masculino — através do toque de seus dedos. A obra reforça ideais eurocêntricos, patriarcais e cristãos, colocando o homem branco como

² *Lukumi* é um nome para a religião afro-caribenha *Santeria*, também conhecida como *Regla de Ocha*. A Santeria se desenvolveu em Cuba no final do século XIX, baseada nas crenças e tradições iorubás, com alguns elementos católicos romanos adicionados.

padrão de humanidade e divindade. Em contraponto, A Criação de Deus, de Harmonia Rosales, substitui essas figuras por duas mulheres negras, com traços afrocentrados e estética ligada à ancestralidade africana, além de inverter a relação de criação.

Rosales ressignifica a narrativa original ao colocar o corpo negro e feminino como origem da vida e da divindade, invertendo simbolicamente a lógica colonial e cristã. Sua obra propõe uma visão decolonial da arte, onde negritude e feminilidade são celebradas como potências criadoras e centrais na construção de novos imaginários. Conforme as informações do site oficial de Rosales, retratam-se as motivações da artista na descrição a seguir:

Desde o início de sua carreira artística, a principal preocupação artística de Rosales tem se concentrado no empoderamento da mulher negra na cultura ocidental. Suas pinturas retratam e homenageiam a diáspora africana. A artista está inteiramente aberta ao fluxo e refluxo da sociedade contemporânea, na qual busca reimaginar novas formas de beleza estética, aninhadas em algum lugar entre o amor puro e a contra-hegemonia ideológica. Quando jovem, os mestres renascentistas, com suas habilidades e composições impecáveis, a fascinavam, mas ela com eles nunca poderia se relacionar porque eles retratavam principalmente uma hierarquia masculina branca e a mulher subordinada idealizada imersa em uma concepção eurocêntrica de beleza. Sua mensagem não é criar um ideal ou simplesmente copiar, mas sim criar um senso de harmonia [...] (HARMONIA ROSALES, 2017)

Essa operação artística insere-se em um movimento mais amplo de contra-narrativas visuais, em que corpos historicamente marginalizados passam a ocupar um espaço central na reconstrução da memória e identidade cultural. Para Rosales, a arte ultrapassa a dimensão estética e assume um papel de resistência e afirmação. Suas pinturas não apenas desconstróem paradigmas visuais, mas também propõem uma revisão crítica das estruturas de poder que moldaram a representação no campo artístico.

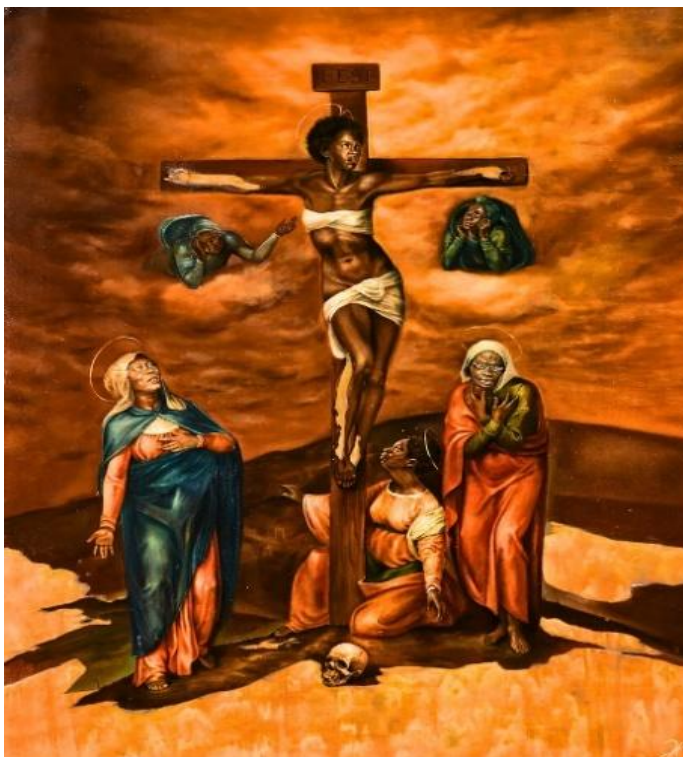
O trabalho de Harmonia Rosales insere-se no debate sobre decolonialidade na arte, um conceito que busca questionar a imposição da estética eurocêntrica como norma e resgatar epistemologias visuais periféricas. Sua obra não se limita a uma simples inversão simbólica, mas propõe uma reflexão profunda sobre os mecanismos de exclusão e apagamento na história da arte.

O que acontece quando deslocamos o centro da produção artística e reconfiguramos narrativas historicamente consolidadas? Harmonia Rosales responde a essa questão com um discurso visual contundente, que desafia convenções e amplia as possibilidades de representação na arte contemporânea.

2.2 HARMONIA ROSALES E A RENASCENÇA

No site oficial de Harmonia Rosales³, a artista relata que para a obra *Eu Existo* (2018) (fig. 3), se apoiou no repertório de toda a obra de Michelangelo presente na Capela Sistina, com ênfase no *Juizo Final* (fig. 6). No entanto, ao analisar a iconografia renascentista, percebe-se também que há uma forte influência da obra *Cristo na Cruz* (fig. 4), de Michelangelo, e do trabalho de Ticiano, *Crucificação* (fig. 5). Essa intertextualidade visual entre a obra de Rosales e as produções renascentistas demonstra como a artista subverte as referências do passado para constituir uma nova obra, com novas relações de poder e representação. A obra de Michelangelo e de Ticiano referenciadas por Rosales, com suas abordagens distintas sobre a figura humana e relacionadas ao movimento Maneirista, servem de base para Rosales desconstruir os padrões eurocêntricos clássicos (ou seja, greco-romanos). Aliado a isso, Rosales opera a mudança racial, o que resulta na centralidade do corpo negro na composição da obra. Na medida em que na artista, se referencia somente à mulheres na obra *Eu existo* (Fig. 3), Rosales também questionada a sociedade patriarcal que fundamenta muitas de nossas sociedade.

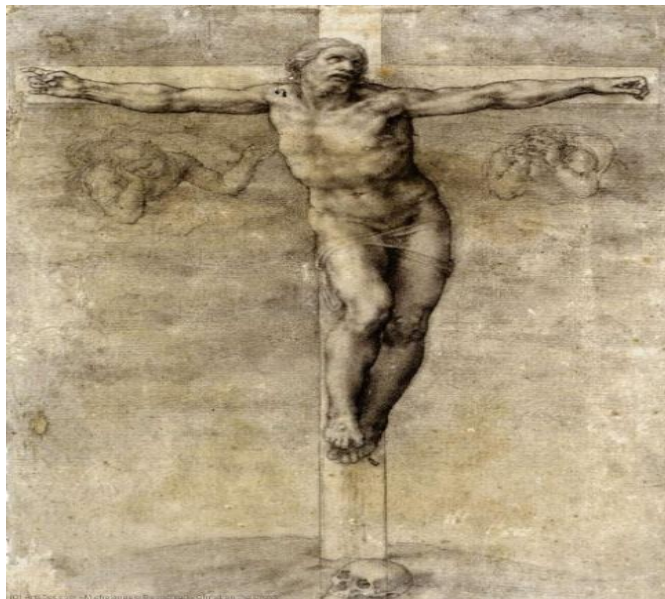
Fig. 3 – Harmonia Rosales, *Eu Existo* (2018). Óleo sobre tela, 100 x 80 cm.



Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/i-exist>. Acesso em: 14/03/2025.

³ <https://www.harmoniarosales.art/>

Fig. 4 – Michelangelo, Cristo na Cruz. (1541). Giz no papel. 368 x 268 cm. Sem dados.



Fonte: <https://artsdot.com/pt/art/michelangelo-buonarroti-cristo-na-cruz-8XZRHL-pt/>. Acesso em: 02/12/2025.

Fig. 5 – Ticiano, Crucificação. (1558) – Óleo sobre tela - 1.97m x 3.71m



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Crucifica%C3%A7%C3%A3o_\(Ticiano\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Crucifica%C3%A7%C3%A3o_(Ticiano)). Acesso em: 02/12/2025.

A comparação entre *Eu Existo* (Fig. 3) e *A Criação de Adão* (fig. 2) evidencia um contraste de técnicas, gestos e expressões. Enquanto Michelangelo representa um Deus e um Adão masculinos em uma composição simétrica e vertical na obra *A Criação de Deus* (fig 1), Rosales utiliza uma disposição mais fluida, por todas essas razões é que sugere-se a aproximação com trabalhos maneiristas de Ticiano ou o *Juízo Final* de Miquelangelo também

considerado Maneirista. Dito isso, devemos acrescentar que a artista substitui as figuras masculinas e brancas por mulheres negras, criando um espaço de resistência e afirmação da identidade negra no contexto da arte ocidental.

Pensando no *Juízo Final* (Fig.6), uma obra com ampla representação do julgamento divino, representando as fases descritas pelos livros de Apocalipse⁴, Matheus⁵ e Pedro⁶, onde se divide em três camadas, representando, na primeira, os anjos com os eleitos aos céus e com os símbolos da Paixão de Cristo, observando o caos; ao centro, Jesus Cristo julgando os pecadores e suas almas em desespero e, mais abaixo, os condenados sendo arrastados ao inferno por indulto de seus pecados, por demônios, enquanto tentam escapar do destino imutável.

Também na pintura, observa-se figuras importantes do cristianismo, como Virgem Maria em posição de submissão gerando contraste com o poder de Cristo, enquanto santos como São Bartolomeu, São Lourenço, São Pedro, São Sebastião e outros, ao redor do mesmo, como apoio a decisão da punição final de Cristo para a humanidade.

Fig. 6 – Michelangelo, Juízo Final (1536-1541). Afresco, 13,7 x 12 m



Fonte: Capela Sistina, Vaticano. Disponível em: <https://biografiadaarte.com.br/juizofinalmichelangelo/>. Acesso em: 02/12/2025.

⁴ Apocalipse cap. 8, versículos 2,3; cap. 16, versículos 1-21.

⁵ Mateus cap. 24, versículo 31.

⁶ 2 Pedro cap. 3, versículo 10.

Nesta narrativa, optou-se por se mostrar o divino em sua maior amplitude, demonstrando a inflexibilidade das decisões divinas de acordo com os pecados cometidos pela humanidade, uma clara demonstração de como a Igreja Cristão agia de forma incisiva em relação à sociedade na época.

Rosales observando isto, compôs sua obra *Ainda Assim Nos Levantamos* (Fig.7) onde reestrutura os elementos da composição para afirmar corpos negros e femininos como centro de poder, espiritualidade e transcendência. A artista toma como base uma estética visual reconhecível, o céu azul celestial, as nuvens, o movimento ascendente dos corpos, mas a ressignifica radicalmente a partir de uma perspectiva afro diaspórica. Seguindo a composição em camadas, mostra-se mulheres negras acendendo a luz, com seus traços negros bem expressivos, onde afirma a liberdade, a identidade e a força presente nesses corpos.

Ao centro, temos uma figura feminina acolhedora e que guia as almas afligidas pelo caminho de salvação, o que inspira deferência e não medo, como Cristo na obra de Michelangelo – acolhendo, ao invés de inspirando medo, isto se dá devido ao não julgando. Logo abaixo, observando-se a Bandeira dos Confederados⁷ sendo queimada, que remete período um histórico e a defesa da escravidão norte-americana, o que reforça o sofrimento que vemos nos corpos negros próximos a bandeira. Ao queimá-la na obra, a artista coloca a possibilidade do fim da escravidão como na fronteira entre o inferno e o céu. Nesta obra (fig.7), Rosales coloca em análise e contraste a agressividade da figura divina apresentada pelo cristianismo, como punitiva qualquer característica além do padrão imposto, sendo físico ou moral, em contraparte de sua visão contemplativa e acolhedora, onde se aceita as imperfeições e as trata como algo natural e corriqueiro, que não deveria ser julgado algo que lhe é dado desde seu nascimento.

⁷ A bandeira dos Estados Confederados da América foi usada pelos estados do sul dos Estados Unidos durante a Guerra Civil (1861-1865). Ainda utilizada por grupos extremistas, a bandeira simboliza a defesa da escravidão, que foi abolida no final da guerra.

Fig. 7 – Harmonia Rosales, *Ainda Assim Nos Levantamos* (2021). Óleo sobre tela. 60” x 55”



Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/>. Acesso em: 02/12/2025.

Dando ênfase no *Lukumi*, a artista coloca seres divinos da religião em destaque, como na obra *O Nascimento de Oxum* (fig. 8), representando o momento de nascimento de Oxum, a divindade que representa o amor, a fertilidade, o desejo e a harmonia. Segundo a artista⁸, a esquerda, Obatalá, o criador dos humanos, e Oyá, a divindade dos ventos e tempestades, agraciando e presenciando o surgimento da deusa, enquanto à direita, a deusa dos oceanos, Iemanjá, abençoando a vinda de sua irmã, com suas vestes representativas. Oxum aparenta em sua pele o contraste da pele negra com o dourado do ouro, que segundo os contos *Patakís*⁹, Oxum salvou a humanidade ao transformar-se em um pavão e voar até Olodumare, implorando por chuvas abundantes durante uma seca devastadora. Sua árdua jornada em direção ao sol queimou as penas de sua cabeça, origem de seu cabelo raspado. Ao se espalharem ao vento, as penas do pavão tornam-se símbolo do sacrifício e da entrega de Oxum, identificados por Olodumare, que retornou as chuvas e deixou a terra fértil novamente¹⁰.

⁸ <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/birth-of-oshun>

⁹ Patakís são narrativas orais da fé Lukumi, usadas para ensinar lições morais. São semelhantes a parábolas cristãs e são passadas oralmente entre os iniciados da Santeria.

¹⁰ Trecho reescrito baseado no Conto de Oxum, onde se baseia a obra da artista.

Fig. 8 – O Nascimento de Oxum, Harmonia Rosales (2017). Óleo sobre linho belga, 55” x 67”.



Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/birth-of-oshun>. Acesso em: 02/12/2025.

Se assemelhando à composição da obra *O Nascimento de Vênus*, de Boticelli (séc. XV) (fig. 9), sua obra suplanta os ideais de beleza eurocêtricos, enfatizando o empoderamento da beleza negra e a valorização usando como artifício o divino.

Além disso, a artista buscou, em um aspecto mais científico da arte, uma representação direta dos estudos do corpo humano realizado por Leonardo Da Vinci. *O Homem Vitruviano* (fig. 11), é uma obra clássica do Renascimento que representa o corpo masculino branco como símbolo de proporção, equilíbrio e perfeição. Baseada nos estudos do arquiteto romano Vitrúvio¹¹, a imagem insere o corpo dentro de um círculo e um quadrado, refletindo a busca por uma ordem universal e a ideia do ser humano como medida de todas as coisas. A figura masculina simboliza um padrão eurocêntrico de beleza e racionalidade que, durante séculos, foi considerado ideal e universal.

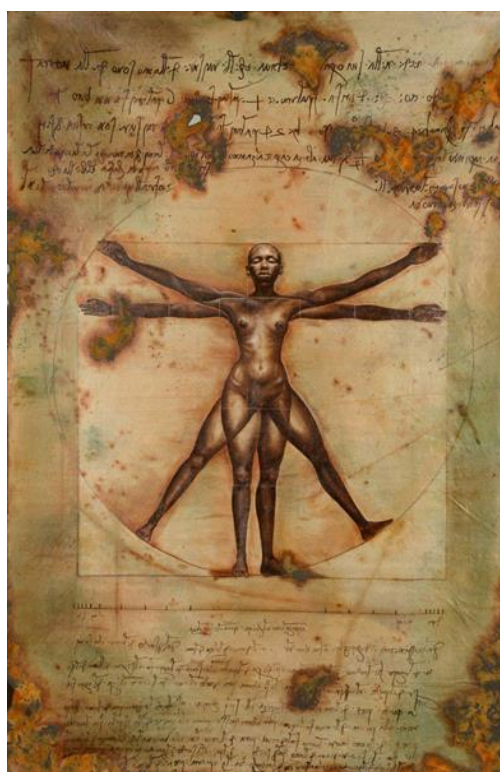
¹¹ **Marco Vitrúvio Polião** (em latim, *Marcus Vitruvius Pollio*) foi um arquiteto, engenheiro e escritor romano que viveu provavelmente entre os séculos I a.C. e I d.C., durante o período do imperador Augusto. Embora pouco se saiba sobre sua vida pessoal, sua fama vem principalmente de sua obra escrita, "**De Architectura**" (ou *Sobre Arquitetura*), composta por 10 livros. Esse tratado é o único texto completo sobre arquitetura que sobreviveu da Antiguidade.

Fig. 9 – *O Nascimento de Vênus*, Sandro Botticelli (1483). Tempera sobre tela, 172.5" × 278.5".



Fonte: Galleria Degli Uffizi, Florença. Disponível em: <https://www.uffizi.it/en/artworks/birth-of-venus>. Acesso em: 02/12/2025.

Fig. 10 – *A Mulher Virtuosa*. Harmonia Rosales (2017). Óleo sobre linho belga, 72" x 48".



Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/virtuous-woman>. Acesso em: 02/12/2025.

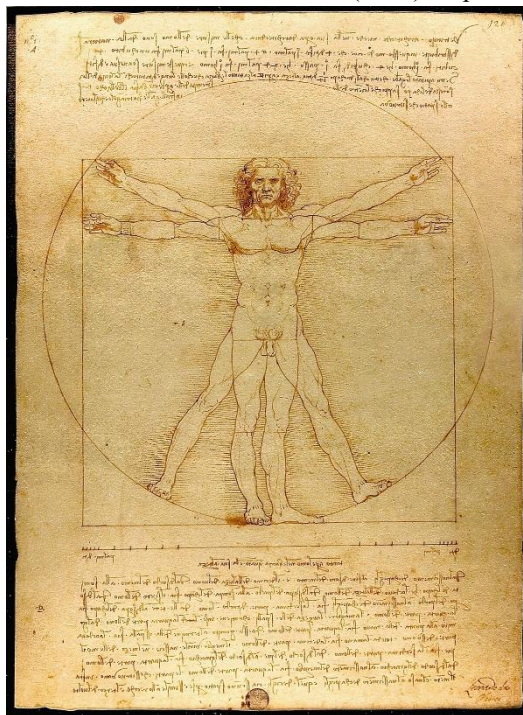
Em contraste, *A Mulher Virtuosa* (fig. 10), Rosales propõe uma crítica dessa mesma estrutura ao colocar uma mulher negra no centro da composição. Ao manter os elementos geométricos da obra original, Rosales questiona a ausência de corpos negros e femininos na

história da arte ocidental. Sua obra reivindica representatividade, desconstruindo padrões e propondo uma nova visão de beleza, força e centralidade. Enquanto Da Vinci idealizou o corpo masculino branco, Rosales celebra a identidade negra e feminina como uma nova visão de beleza, força e centralidade.

Enquanto Da Vinci busca um ideal universal baseado em um padrão único e excludente, Rosales questiona essa ideia ao apresentar múltiplas vozes, centros e formas de beleza. O título *A Mulher Virtuosa* não remete apenas à moralidade, mas também à força e à presença, rompendo com os padrões tradicionais do que é visto como virtuoso na história da arte.

Apesar de utilizarem composições semelhantes, as duas obras transmitem mensagens opostas. Da Vinci representa o ideal renascentista centrado no homem branco, enquanto Rosales atualiza esse conceito a partir de uma perspectiva contemporânea, trazendo uma crítica à exclusão histórica e valorizando a diversidade e a representatividade.

Fig. 11 – *O Homem Vitruviano*, Leonardo da Vinci (1490). Lápis e tinta sobre papel. 35"x 26"



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/o-homem-vitruviano-leonardo-da-vinci/>. Acesso em: 02/12/2025.

2.2 SOBRE SILVANA MENDES

Baseando-se na mesma ideia de transgredir uma arte eurocêntrica e representar vozes subalternizadas e a identidade negra no contexto artístico, tal como Harmonia Rosales, está a produção artística Silvana Mendes, artista visual que propõe uma nova forma de olhar para a

representação dos corpos negros na produção artística. Em suas obras, ela busca questionar e ressignificar imagens dos escravizados que, por muito tempo, mostraram pessoas negras de maneira estereotipada ou desumanizada. A série *Afetocolagem* (2019) é um exemplo importante disso. Nela, a artista utiliza fotografias do século XIX, feitas por fotógrafos como Alberto Henschel¹² (1827-1882), para criar outras narrativas. Essas imagens, que antes mostravam pessoas negras em posições de submissão, sem nome ou identidade, são transformadas por Silvana Mendes em retratos de pertencimento, beleza, afetividade e dignidade. Seu trabalho propõe uma nova visualidade para os corpos negros, valorizando suas identidades e histórias.

A série mostra como Silvana Mendes usa a sua produção artística para transformar o modo como os corpos negros foram retratados no passado. Segundo Clarice Lima Borges Alves (2024), essas obras funcionam como uma resposta crítica e afetiva às imagens históricas. Ao unir fotografias antigas com imagens de elementos naturais, como flores e cores vivas, a artista cria colagens que misturam passado e presente. Assim, ela recupera memórias e oferece novas leituras dessas imagens, criando uma forma de resistência visual. Com isso, Mendes mostra que é possível criar outras formas de olhar para as pessoas negras, formas que valorizem sua humanidade e suas histórias.

O trabalho de Silvana Mendes também está ligado à sua própria vivência. Nascida no Maranhão, ela cresceu em um contexto em que as desigualdades sociais e raciais foram marcantes. Isso influenciou e ainda influencia diretamente sua produção artística. Através do seu trabalho, ela resgata imagens de pessoas negras que, no passado, foram retratadas sem identidade e sem voz, em geral escravizados e recém libertos em fotografias da época. Ao colocar essas imagens em um novo contexto, com cores, plantas e elementos da natureza, a artista dá nova vida a esses retratos. Em vez de representações ligadas à dor ou à dominação, Mendes mostra corpos negros com força, presença e afeto.

Com esse trabalho, ela convida o público a pensar sobre como a arte e a fotografia foram usadas para reforçar a inferiorização das pessoas negras, como objetos e seres para observação. Mas também mostra que é possível reverter isso. Suas colagens são formas de reconstruir histórias, de dar espaço para outras narrativas, mais justas e verdadeiras. Ao fazer isso, Mendes também fala sobre si mesma, sobre sua história e sobre a importância de ver os corpos negros com respeito, beleza e complexidade.

¹² Alberto Henschel foi um dos mais importantes fotógrafos que atuaram no Brasil na segunda metade do século XIX. Chegou em Recife, em 1866, e, ao longo de 16 anos, teve uma intensa atividade no país, atuando também em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Sua produção inclui retratos de estúdio, fotografia de paisagem e imagens etnográficas, com destaque para a série de retratos de africanos e a família real no Brasil.

2.2.1 COMPOSIÇÕES DA NEGRITUDE HUMANIZADA

As obras de Silvana Mendes dialogam profundamente com o processo de ressignificação dos valores culturais, especialmente ao reconfigurar imagens históricas de pessoas negras, extraídas das fotografias originais. Essas fotografias, originalmente marcadas por uma representação rígida e hierárquica, expressam uma imposição de submissão e uma narrativa visual que reforça a opressão e o controle social durante o período escravocrata no Brasil. A partir desse contexto, Mendes empreende uma produção artística que reverte a dinâmica original dessas imagens, conferindo brilho, dignidade e uma nova narrativa aos sujeitos representados, resgatando sua majestade e complexidade.

Essa transformação estética e simbólica se conecta com as reflexões da intelectual bell hooks¹³, que aponta a necessidade urgente de uma “narrativa contrária” para descolonizar a imagem do negro e combater as representações estereotipadas e desumanizadoras presentes na cultura dominante (hooks, 1992). hooks enfatiza que a produção artística negra é uma forma poderosa de resistência que ressignifica a identidade e desafia os sistemas de opressão. Paralelamente, Sueli Carneiro, contribui de maneira fundamental para compreender as relações entre representação, identidade e poder que atravessam a produção artística de mulheres negras. Em textos como *Enegrecer o Feminismo* (1995) e *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser* (2005), a autora evidencia como a mulher negra foi historicamente silenciada, desumanizada e excluída das narrativas oficiais, inclusive das narrativas visuais. Suas reflexões permitem entender que práticas artísticas como as de Harmonia Rosales e Silvana Mendes constituem gestos políticos de reescrita simbólica, capazes de confrontar o olhar colonial e romper com processos de epistemicídio que ainda estruturam o ensino de Arte.

Assim, a perspectiva de Sueli Carneiro fortalece o eixo antirracista deste trabalho, ao demonstrar que a valorização de artistas negras no currículo não é apenas uma escolha estética, mas um compromisso ético e político com a construção de novas narrativas possíveis. Ressalta a importância de valorizar e reconhecer as culturas afro-brasileiras como parte fundamental do processo de afirmação política e social, destacando o papel central da memória histórica para o fortalecimento da autoestima e da identidade negra (Carneiro, 2000). Assim, a obra de Mendes

¹³ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, teórica, educadora e crítica social americana, professora residente no Berea College. Ela era mais conhecida por seus escritos sobre raça, feminismo e classe.

não apenas recupera a história visual da negritude brasileira, mas atua como um gesto político de reexistência, recriando essas imagens em um discurso de liberdade e empoderamento.

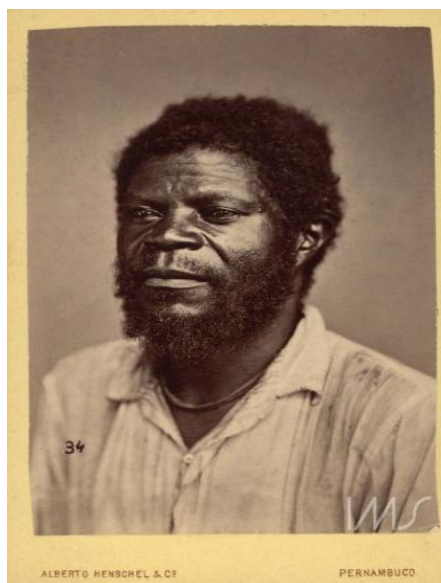
Ao integrar colagens, cores vibrantes e elementos simbólicos, Mendes constrói uma nova visualidade que rompe com o silêncio e a submissão presentes nas fotografias originais. Este trabalho artístico, portanto, transcende a simples revisitação estética e configura-se como um ato de reescrita histórica e cultural, alinhado às perspectivas críticas de bell hooks e Sueli Carneiro, que nos convidam a repensar as narrativas visuais e sociais sobre os corpos negros.

Fig.12.1 – Afetocolagens Série I, 2019. Colagem digital impressa sobre papel. Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



Fonte: Site do Instituto Moreira Sales. Acesso em: 31.05.2025.

Fig.12.2 – Alberto Henschel. Retrato – tipos negros



Fonte: site do Instituto Moreira Sales, Acesso em: 31.05.2025.

Ao observar as obras individualmente, a fig. 12.1 apresenta a imagem de um homem negro com expressão séria e digna, vestindo roupas simples que remetem às usadas pelos escravos fotografados por Alberto Henschel. Mendes intervém na imagem com colagens, adicionando texturas e cores que realçam a individualidade e a força do retratado. Essas intervenções dialogam com elementos naturais e simbólicos, criando uma narrativa visual que celebra a ancestralidade e a identidade da personagem.

A fig. 13.1 apresenta uma mulher posicionada em primeiro plano, vestindo um vestido em tons suaves, com delicadas bordas que destacam a roupa. Ao redor de sua cabeça, uma coroa feita de flores e pequenas borboletas cria uma aura quase mágica e serena, sugerindo uma conexão profunda com a natureza e um simbolismo de transformação e beleza. O fundo da imagem mostra um rio tranquilo, complementando o clima de calma e introspecção, além de reforçar o vínculo com o ambiente natural e a fluidez da vida. A colagem integra texturas e cores que evocam delicadeza e um certo mistério, enquanto a figura feminina transmite uma força silenciosa e majestosa, em consonância com a temática do resgate histórico e cultural presente nas obras de Silvana Mendes.

Fig.13.1 – Afetocolagens Série I, 2019. Colagem digital impressa sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



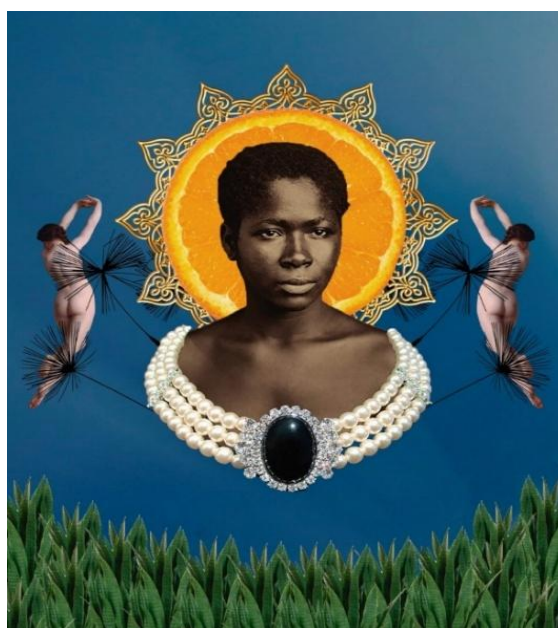
Fonte: Prêmio Pipa

Fig. 13.2 – Alberto Henschel. Mulher de turbante, c. 1870. Rio de Janeiro, RJ.



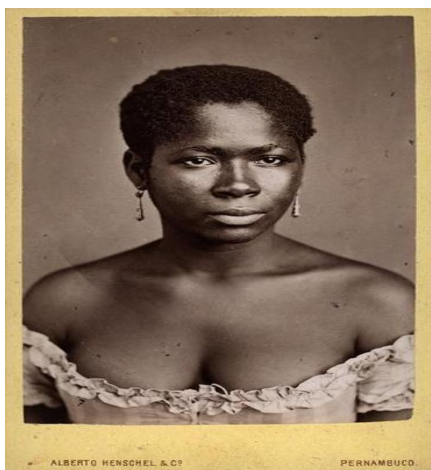
Fonte: Acervo IMS.

Fig. 14.1 Afetocolagens Série 1, 2019. Colagem digital impressa sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



Fonte: Prêmio Pipa

Fig. 14.2 – Alberto Henschel. Mulher negra em Pernambuco, c. 1869. Rio de Janeiro, RJ.



Fonte: Acervo IMS.

A imagem da fig. 14.1 apresenta um busto feminino flutuante com destaque para a cabeça e os acessórios, como uma coroa feita de laranja e bordados dourados, a mulher também é adornada com um colar de três camadas de grandes pérolas cujo fecho é um grande camafeu contornado por brilhantes, que sugerem altivez, elegância e vitalidade. Ao redor, outras duas figuras femininas nuas criam um efeito de multiplicidade e leveza, representando diferentes aspectos da identidade ou solidariedade entre mulheres.

Essas mulheres sugerem uma representação das três graças, iconografia tão presente na história da arte, nesta possível leitura a terceira graça seria o busto da mulher negra. Com cores suaves e atmosfera poética que lembra as colagens surrealistas, a obra aborda temas como identidade, feminilidade e a conexão entre passado e presente, dialogando com as fotografias históricas.

Fazendo um comparativo visual e referencial, com o detalhe da obra *A Primavera* (fig. 15), de Sandro Botticelli (1445-1510), e a fig. 14.1 de Silvana Mendes, apesar de distantes no tempo e contexto, compartilham semelhanças artísticas marcantes. Ambas valorizam a figura feminina como centro da composição, explorando a harmonia visual por meio da disposição equilibrada dos corpos. O uso de elementos simbólicos – como a dança e os gestos delicados em Botticelli, e o colar de pérolas, a mandala solar e as dançarinas laterais em Mendes – reforça uma estética refinada, onde a beleza e a expressividade corporal ganham destaque. Além disso, as duas obras revelam um cuidado com a organização espacial e a valorização da forma humana como meio de comunicação visual potente, ainda que partam de intenções temáticas bastante distintas.

Ainda comentando sobre a comparação, há a ideia de divindade e subjetividade vinda em cada significado das obras, como as *Três Graças* sendo uma representação, também

conhecidas como *Cárites*¹⁴ na mitologia grega, sobre deusas da dança, da alegria e da beleza, representando a graça e o encanto. Neste sentido, Silvana Mendes evocou em sua obra a ideia de que, principalmente a imagem da mulher negra, centralizada, representa o suprasumo da beleza humana, como uma diáspora que deva ser referenciada e agraciada, com sua imponente e magnitudinal, sendo ao mesmo tempo delicada e graciosa em suas feições.

Fig. 15 – Um detalhe da pintura Primavera de Sandro Botticelli. 1482, têmpera sobre madeira, 203'x 314'. Galeria Uffizi, Florença



Fonte: <https://deniseludwig.blogspot.com/2018/10/arte-renascentista-botticelli-primavera.html>. Acesso em: 02/12/2025.

Fig. 16 - Afetocolagens Série I, 2019. Colagem digital impressa sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



Fonte: <https://www.premiopia.com/silvana-mendes/>. Acesso em: 02/12/2025.

¹⁴ São as deusas da beleza na mitologia grega, representadas nuas, em pé, e graciosamente abraçadas. Geralmente a jovem do centro, sempre aparece de costas para o espectador. *Eufrosina* (alegria), *Aglaia* (elegância), e *Tália* (juventude e abundância), da esquerda para direita.

A fig. 16 retrata um grupo de pessoas em movimento, carregando objetos em um cenário natural exuberante, criando um contraste entre esforço coletivo e tranquilidade ambiental. A imagem sugere uma narrativa simbólica sobre memória, história e identidade coletiva, destacando a resistência e a união das comunidades negras. Inspirada nas fotografias de base, usando colagens de várias outras fotos semelhantes, a composição propõe uma reflexão sobre o passado e o presente, valorizando a trajetória e a força dessas comunidades em um ambiente quase mítico.

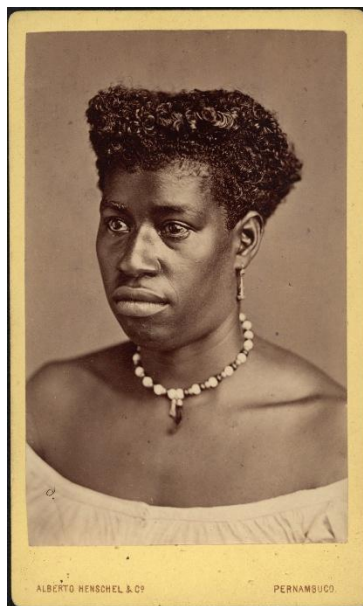
A obra representada na fig. 17 apresenta a figura de uma mulher negra com um véu sobre a cabeça, simbolizando proteção, tradição e mistério. Flores vermelhas contrastam com o tecido da majestosa roupa desta mulher e destacam a presença feminina, sugerindo força, vida e resistência. A combinação dos elementos cria uma estética rica em significados culturais e históricos. Dialogando com as fotografias, a imagem ressignifica a mulher negra com delicadeza e majestade, abordando temas como memória, identidade e poder interior.

Fig. 17.1 – Afetocolagens Série I, 2019. Colagem digital impressa sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



Fonte: <https://www.premiopipa.com/silvana-mendes/>. Acesso em: 02/12/2025.

Fig. 17.2 – Alberto Henschel. Retrato da negra de Pernambuco. 1869.



Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4503>. Acesso em: 02/12/2025.

Já a obra representada pela fig. 18 é uma mulher negra vestida elegantemente com roupas brancas, uma gravata preta e adornada por uma aureola em forma de flor azul, esta mulher parece cuidar de uma criança, cuja imagem foi manipulada pela artista para tornar-se uma referência animal, portanto, a mulher segura no colo uma onça-pintada, animal emblemático da fauna brasileira e símbolo de força, poder e resistência, porém essa onça está vestido com roupas contemporâneas de criança.

A mulher está sentada sobre folhas que lembram as vitória-régias, plantas aquáticas grandiosas e características da região amazônica, o que insere a figura em um ambiente natural e simbólico, representando a conexão profunda com a natureza e a cultura brasileira. Essa composição conjuga a imponência da onça-pintada com a serenidade e força da mulher, criando uma imagem carregada de simbolismo. A obra sugere a força ancestral e a proteção, reforçando a identidade negra e sua relação com o meio ambiente, enquanto ressignifica os registros históricos, trazendo uma nova narrativa de poder e majestade.

Fig. 18.1 - Afetocolagens Série I, 2019. Colagem digital impressa sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



Fonte: <https://www.premiopipa.com/silvana-mendes/>. Acesso em: 02/12/2025.

Fig. 18.2 – Alberto Henschel. Babá com o menino Eugen Keller. 1874



Fonte: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/38824/pdf/209925>. Acesso em: 02/12/2025.

Ao reelaborar tais registros visuais, Silvana Mendes não apenas desafia a estética hegemônica que historicamente inferiorizou corpos negros, mas também reposiciona essas figuras dentro de uma nova lógica simbólica. Sua prática artística opera como um gesto de restituição e de enfrentamento crítico, tensionando as narrativas coloniais que moldaram a formação do imaginário social brasileiro. Assim, as obras passam a instaurar outros modos de ver e compreender esses sujeitos, deslocando-os do lugar de passividade e subjugação para uma esfera de autonomia, potência e afirmação identitária.

Desse modo, a artista não só reconstrói a visualidade desses corpos, mas também contribui para a reescrita das memórias coletivas, questionando as estruturas de poder que sustentaram (e ainda sustentam) a marginalização racial. Investindo em camadas simbólicas que celebram beleza, ancestralidade e resistência, a artista tensiona o próprio campo da arte, convocando-o a refletir sobre seus fundamentos eurocêntricos e excludentes. Nessa perspectiva, sua produção se constitui como um ato político-estético de reexistência, reafirmando a importância de revisitar criticamente as imagens do passado para projetar novos horizontes de representação no presente.

3. PROPOSTA PEDAGÓGICA: ARTE, ANTIRRACISMO E PROTAGONISMO DA MULHER NEGRA.

Esta seção deste TCC apresenta as diretrizes do Projeto de Curso intitulado “Artistas Negras no Ensino de Arte Antirracista”, que na íntegra consta no apêndice deste trabalho, bem como apresenta e discute os resultados obtidos em uma experiência prática realizada na UFMS com sete estudantes de Licenciatura em Artes Visuais, a maioria destes estudantes do quarto semestre do curso de graduação.

A proposta pedagógica aqui analisada surge da necessidade de tomar a posição política-pedagógica contrária ao racismo, ou seja, engajar o ensino de arte na luta contra o racismo enaltecendo o papel da mulher negra e rompendo com a hegemonia eurocêntrica que ainda caracteriza o ensino de Artes Visuais no Brasil, resultando na invisibilização de corpos, histórias e produções negras. Persiste, no contexto educacional, um modelo que privilegia o cânone europeu em detrimento de produções de outras matrizes culturais, reforçando hierarquias raciais e apagamentos históricos. Frente a isso, o projeto intitulado “Artistas Negras no Ensino de Arte Antirracista” se organiza com base em uma perspectiva crítica, antirracista e decolonial, reafirmando o papel da educação artística como prática política, formadora de identidades e promotora de justiça social.

O foco central da sequência didática é a valorização da produção de mulheres negras contemporâneas como protagonistas da construção simbólica e dos debates culturais. Essa escolha está alinhada ao entendimento de que a representatividade tem papel transformador, pois permite que sujeitos oprimidos se vejam no espaço do saber e da cultura. A proposta teve como eixo central a investigação das obras de Harmonia Rosales e Silvana Mendes, articulada

à reflexão sobre eurocentrismo, representatividade e protagonismo da mulher negra no campo das artes.

As artistas selecionadas, Harmonia Rosales e Silvana Mendes, exemplificam essa disputa de narrativas ao reposicionar o corpo negro feminino em imagens historicamente dominadas pelo olhar colonial. Enquanto Rosales revisita obras clássicas substituindo personagens brancas por figuras negras, Mendes atua na ressignificação de imagens fotográficas, rompendo com estruturas estereotipadas e afirmando a ancestralidade e dignidade das mulheres negras. O projeto trouxe outras artistas negras para enfocar um contexto maior da arte contemporânea, muito embora a maior ênfase foi dada às artistas Rosales e Mendes, pois serem tema deste TCC.

O plano toma como referência metodológica a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, articulando fazer artístico, apreciação e contextualização, a fim de promover uma aprendizagem que integre criação estética, análise crítica e reflexão sociocultural. Essa articulação se concretiza em práticas investigativas como análise de obras, rodas de conversa mediadas por conceitos de autoras negras (bell hooks, Djamilia Ribeiro), produção artística fundamentada em perspectivas decoloniais e socialização dos resultados através de falas de cada estudante participante.

Nesse projeto de curso, a luta das mulheres negras contra o racismo e o sexismo é abordada como eixo estruturante. O projeto compreende que o racismo estrutura relações sociais e simbólicas e, portanto, exige da escola uma atuação permanente de enfrentamento, reafirmando que o ensino da arte pode e deve contribuir para a construção de novas narrativas visuais e pedagógicas.

Durante a prática artística, os estudantes foram orientados a criarem obras que inserissem as identidades historicamente silenciadas como protagonistas da produção artística. Assim, o projeto contribui diretamente para a formação de professores que atuarão como multiplicadores dessas práticas, garantindo que a educação antirracista não se restrinja a ações pontuais, mas integre o cotidiano escolar como princípio ético, estético e político.

Desse modo, a sequência didática intitulada “Artistas Negras no Ensino de Arte Antirracista” consolida um compromisso com a construção de um currículo plural, decolonial e engajado na superação das desigualdades raciais. Ao promover o protagonismo da mulher

negra e sua presença como sujeito no campo das artes, reafirma-se o papel da educação como espaço de possibilidade, resistência e liberdade, em consonância com o que defende bell hooks e com os pilares de uma sociedade verdadeiramente democrática.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DA APLICAÇÃO DO PROJETO DE CURSO

A aplicação do projeto de curso intitulado *Artistas Negras no Ensino de Arte Antirracista*, possibilitou observar de maneira prática como os estudantes do curso de Artes Visuais respondem a propostas pedagógicas fundamentadas em perspectivas decoloniais e antirracistas. A presente seção analisa o percurso realizado em quatro encontros, destacando as interações, reflexões e produções dos alunos, bem como as impressões docentes que emergiram durante o processo.

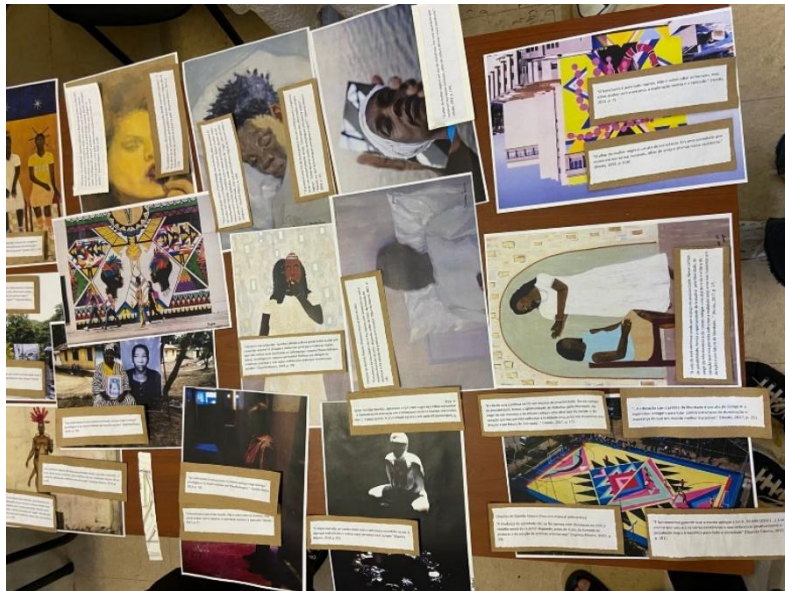
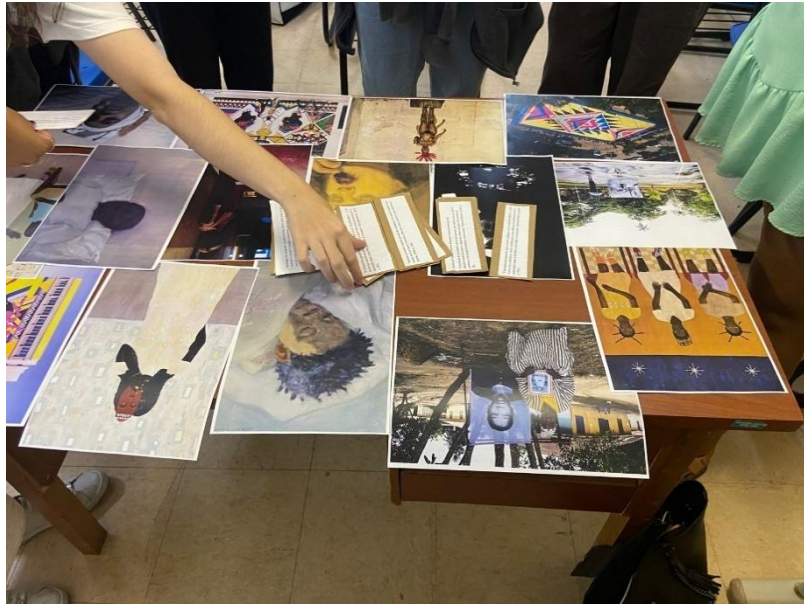
5.1 DESENVOLVIMENTO DAS AULAS E OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Primeiro Encontro

O primeiro encontro teve como objetivo situar os 7 estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS do 4º semestre além de duas formandas que estavam como convidadas para prestigiar o curso, formados de uma pluralidade racial, no debate antirracista a partir da análise de obras de artistas pretas brasileiras. A escolha dessa etapa inicial buscou criar um campo de sensibilidade para, posteriormente, adentrar as produções de Rosales e Mendes. A apresentação das imagens provocou estranhamento positivo no grupo: muitos alunos declararam que raramente haviam estudado produções de artistas negras dentro de disciplinas de história da arte.

Durante a leitura das imagens, emergiram comentários relacionados à ausência em grande parte da história da arte de representações de pessoas pretas e quando há, muitas destas reproduzem estereótipos e estigmas que essa população enfrenta cotidiana, destacamos que artistas contemporâneos vêm construindo outras narrativas para os corpos negros como veremos ao longo dessa sequência didática. A atividade final — que consistiu em relacionar as obras analisadas a trechos de Djamila Ribeiro e bell hooks — fomentou interação ativa entre os estudantes, que colaboraram entre si na formulação de interpretações e estabeleceram conexões coerentes com os textos. A construção do mapa de conexões demonstrou o início de uma consciência crítica em relação às ausências estruturais presentes no campo artístico.

Fig. 24, 25 e 26 – Mapa de Conexões





Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Segundo Encontro

O segundo encontro aprofundou a discussão ao abordar o eurocentrismo no ensino de arte. A temática mobilizou relatos espontâneos dos estudantes sobre suas vivências escolares, que reforçaram como o repertório apresentado nas escolas privilegia artistas europeus e brancos. Uma estudante comentou que nunca havia percebido como esse padrão molda o que consideramos “arte legítima”, destacando a importância da revisão crítica desse currículo.

A apresentação das artistas Harmonia Rosales e Silvana Mendes ampliou essa reflexão ao oferecer exemplos concretos de ressignificação e deslocamento de narrativas canônicas. As obras de Rosales, particularmente, despertaram grande curiosidade, sobretudo pela inversão simbólica de ícones renascentistas e pela centralidade da mulher negra em cenas tradicionalmente dominadas por figuras masculinas e brancas.

A roda de conversa realizada com Luna Sena e Prof.^a Me. Fabiola Lima constituiu o momento mais significativo do encontro. Os relatos emocionaram a turma e provocaram uma escuta atenta e respeitosa. As convidadas abordaram temas como racismo estrutural, permanência acadêmica, corpo, arte e resistência. Esse diálogo ampliou a compreensão dos estudantes sobre como experiências racializadas atravessam práticas artísticas e pedagógicas, trazendo para o centro da discussão a dimensão humana e política da produção estética.

Fig. 27, 28 e 29 – Roda de conversa com Luna Sena e Prof.^a Me. Fabiola Lima.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Terceiro Encontro

O terceiro encontro foi dedicado à prática de ateliê, propondo que os estudantes realizassem a produção de uma obra canônica, inserindo a mulher negra como protagonista. Essa etapa buscou articular os conceitos estudados anteriormente à prática criativa. Foi perceptível o entusiasmo dos alunos desde a escolha das obras até o desenvolvimento dos trabalhos.

Durante o processo, muitos retomaram elementos discutidos na roda de conversa, incorporando aspectos relacionados à ancestralidade, simbolismo e crítica ao apagamento histórico. Houve cooperação espontânea entre os estudantes, que compartilharam referências, materiais e ideias. A escuta docente permitiu identificar que vários alunos estavam produzindo de forma consciente, justificando suas escolhas estéticas e conceituais com base nos debates dos encontros anteriores.

Fig. 30, 31, 32, 33 e 34 – Prática de ateliê.





Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Quarto Encontro

O último encontro contemplou a apresentação das obras produzidas. Cada estudante explicou a escolha da obra original, o propósito da ressignificação e a forma como incorporou o protagonismo da mulher negra em sua composição. As falas evidenciaram amadurecimento crítico, maior domínio de vocabulário teórico e clareza nas relações estabelecidas entre arte, raça e representação.

Após as apresentações, montou-se uma exposição com todas as produções, acompanhadas de fichas técnicas elaboradas coletivamente. O processo de montagem ocorreu de forma colaborativa, revelando engajamento e sentimento de pertencimento ao projeto.

Muitos estudantes destacaram, ao final, que esta proposta proporcionou um dos debates mais significativos da formação, por integrar teoria, prática e vivências reais.

Fig. 35 e 36 – Exposição das obras.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Fazendo uma análise aprofundada do processo formativo desenvolvido ao longo dos quatro encontros da oficina, articulando as observações registradas e os referenciais teóricos que sustentaram a proposta pedagógica. Busca-se evidenciar como a experiência contribuiu para o desenvolvimento de uma consciência crítica antirracista e para a ampliação do repertório estético e pedagógico dos estudantes, especialmente no campo da arte-educação.

Desde o primeiro encontro, a introdução de obras de artistas negras no conteúdo programático produziu deslocamentos significativos na interpretação dos estudantes sobre a história da arte. A leitura das imagens evidenciou as recorrentes ausências de corpos negros nas narrativas canônicas e a reprodução de estereótipos visuais. Essa constatação dialoga com hooks (2013, p. 39), quando afirma que “a sala de aula continua sendo um espaço privilegiado de dominação, mas também pode ser um espaço de possibilidades”. Assim, a análise das obras permitiu tensionar estruturas convencionais de ensino e criar abertura para discussões críticas.

Ao aprofundar o debate sobre eurocentrismo no segundo encontro, os estudantes reconheceram como a formação escolar prioriza repertórios brancos e europeus, reproduzindo hierarquias estéticas. Esta observação se articula às reflexões de Ribeiro (2019, p. 17), que aponta que “o racismo opera também pelo apagamento, pela ausência de referências positivas que validem a existência negra”. Nesse sentido, a oficina atuou como estratégia pedagógica de reposicionamento epistemológico e imagético.

A apresentação das obras de Harmonia Rosales e Silvana Mendes ofereceu exemplos concretos de ressignificação e deslocamento das narrativas visuais dominantes. As inversões simbólicas realizadas por Rosales, ao reinscrever mulheres negras em composições inspiradas no Renascimento, evidenciam o que hooks (1995, p. 4) descreve como “a capacidade da arte de criar linguagens visuais que rompem com leituras tradicionais e instauram novos modos de ver”. Por sua vez, as obras de Mendes aproximam-se da perspectiva de reconstrução visual da dignidade negra, reforçando o que Taveira (2021, p. 1267) identifica como práticas de “*desobediência estética e epistêmica*” no campo da arte contemporânea.

A roda de conversa com artistas convidadas representou um momento formativo fundamental. Embora não tenha sido coletado material verbal para citação, observou-se que a presença de mulheres negras atuantes no campo artístico ampliou a compreensão dos estudantes sobre como o racismo atravessa experiências acadêmicas e estéticas. A dimensão dialógica do encontro aproxima-se da concepção freiriana de educação como prática da liberdade, segundo

a qual “ninguém educa ninguém [...] os homens se educam em comunhão” (FREIRE, 2016, p. 95). Assim, o encontro reforçou a importância da escuta horizontal e da troca de saberes como fundamentos da construção crítica.

O terceiro encontro, centrado na prática de ateliê, evidenciou a articulação entre teoria e criação. As escolhas estéticas dos estudantes demonstraram sensibilidade a temas como ancestralidade, protagonismo e ressignificação. Essa integração remete ao modelo da abordagem triangular, proposta por Barbosa e Cunha (2010), segundo o qual *contextualizar, ler imagens e produzir* constituem três eixos indissociáveis do ensino de arte. O envolvimento dos estudantes reforçou a pertinência desse método no desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas e sensíveis às discussões contemporâneas.

No último encontro, a apresentação das produções e a montagem da exposição final evidenciaram amadurecimento crítico e apropriação autônoma dos conteúdos discutidos. A organização coletiva remete ao que hooks (2013, p. 52) descreve *como* “práticas pedagógicas engajadas”, nas quais o aprendizado se dá de maneira colaborativa, ética e solidária. Esse processo também contribuiu para o desenvolvimento de uma consciência estética informada por debates raciais e decoloniais.

De modo geral, a oficina configurou-se como uma experiência formativa integral, articulando teoria, prática e vivências compartilhadas. Ao promover reflexões críticas sobre representações visuais, desigualdades raciais e protagonismo estético, reafirma-se a importância de práticas pedagógicas comprometidas com perspectivas antirracistas e decoloniais, que permitam expandir repertórios, valorizar produções historicamente silenciadas e estimular o desenvolvimento de uma postura ética e crítica no ensino de arte.

5.2 SÍNTESE ANALÍTICA E CONSIDERAÇÕES PEDAGÓGICAS

A análise geral do processo demonstra que a abordagem antirracista no ensino de arte gerou impacto significativo na formação dos estudantes. A partir das interações observadas, pode-se destacar:

- **Desenvolvimento da consciência crítica**, especialmente ao reconhecer o eurocentrismo presente no currículo e nas referências visuais tradicionalmente ensinadas.

- **Engajamento afetivo e intelectual**, resultante do contato com narrativas reais de mulheres negras e trans dentro do ambiente educativo.
- **Apropriação teórica**, evidenciada pela capacidade dos estudantes de relacionar autores como Djamila Ribeiro, bell hooks e Ana Mae Barbosa às práticas artísticas realizadas.
- **Produção visual consistente**, com produções que demonstraram intenção política e sensibilidade estética.
- **Ambiente colaborativo**, em que os estudantes se apoiaram mutuamente, fortalecendo um espaço de aprendizado horizontal e crítico.

O conjunto das aulas revelou a relevância de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade, a representatividade e a justiça social. A presença do protagonismo da mulher negra, tanto nas obras estudadas quanto nos relatos compartilhados, permitiu que os estudantes reconfigurassem suas próprias percepções sobre arte, identidade e poder simbólico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de conclusão de curso teve como propósito investigar como o ensino de Arte pode se tornar um espaço de resistência e construção crítica a partir da centralidade da mulher negra na produção visual. A pesquisa, fundamentada em referenciais teóricos como bell hooks, Djamila Ribeiro, Ana Mae Barbosa, buscou compreender de que forma a arte, enquanto prática pedagógica, pode desestabilizar padrões eurocêtricos e promover narrativas mais plurais e representativas.

Ao longo deste trabalho, evidenciou-se que a formação artística ainda é fortemente marcada por ausências e silenciamentos, especialmente no que diz respeito às contribuições de mulheres negras. Esse apagamento histórico não ocorre de forma isolada, mas está inserido em um sistema mais amplo de exclusão estrutural que se expressa tanto no currículo quanto nas metodologias adotadas em sala de aula. Nesse sentido, refletir sobre práticas antirracistas no ensino de Arte significa reconhecer que a educação estética é também um campo político e social.

A pesquisa deste TCC enfocou as análises de obras de Harmonia Rosales e de Silvana Mendes, realizadas no capítulo 2, destacou-se como essas artistas articulam em suas obras um papel fundamental na reconfiguração da imagem da mulher negra na história da arte. Ao inserir corpos negros em obras clássicas, Rosales tensiona o cânone eurocêntrico e denuncia estruturas visuais coloniais que historicamente privilegiaram corpos brancos como padrão de beleza e humanidade. Já Mendes, ao ressignificar fotografias e documentos visuais que antes objetificavam ou estigmatizavam a população negra, opera uma reescrita simbólica que devolve subjetividade, dignidade, ancestralidade e autonomia a esses sujeitos.

Assim, evidenciou-se que ambas as artistas desenvolvem uma poética que não apenas representa mulheres negras, mas que **as recoloca como sujeitos de poder, de desejos, de autonomia**, confrontando o racismo estrutural e produzindo narrativas visuais emancipatórias. Seus trabalhos afirmam identidades e reivindicam o direito pleno à existência em todos os espaços da sociedade, essas obras tornando-se ferramentas políticas de reparação estética e histórica.

A aplicação do projeto de curso, apresentada na seção final deste TCC, permitiu observar concretamente como propostas pedagógicas ancoradas em perspectivas decoloniais podem transformar a relação dos estudantes com o fazer artístico. Durante as quatro aulas desenvolvidas, os alunos foram convidados a analisar obras de artistas negras brasileiras, refletir sobre o eurocentrismo presente na história da arte, ouvir vivências de mulheres negras e trans e, por fim, fazer uma produção autoral de obras canônicas colocando a mulher negra como protagonista.

O processo revelou significativo engajamento dos estudantes, que demonstraram abertura para debates sensíveis e disposição para repensar referências tradicionalmente naturalizadas. A roda de conversa teve papel especial nesse percurso, pois conectou teoria e vivência, possibilitando aos alunos compreenderem como o racismo atravessa trajetórias pessoais e acadêmicas e como a arte pode funcionar como ferramenta de resistência.

As obras produzidas pelos alunos, analisadas em conjunto e com falas de cada estudante sobre a própria produção artística realizada durante as aulas, evidenciaram crescimento conceitual, sensibilidade estética e capacidade crítica. As produções finais e a montagem da exposição confirmaram que, quando os alunos têm acesso a referências diversas e a discussões potentes, suas criações se expandem, ganhando novos significados e aprofundando sua compreensão sobre a potência simbólica da imagem.

Diante disso, conclui-se que o objetivo deste TCC foi plenamente alcançado: demonstrar que o ensino de Arte pode e deve ser um espaço que acolhe, valoriza e fortalece a presença de mulheres negras como agentes de produção de conhecimento, deslocando o olhar tradicionalmente centrado em narrativas europeias e masculinas. A experiência desenvolvida em sala de aula reforça a importância de práticas docentes que considerem as questões raciais como parte imprescindível da formação estética e cidadã dos estudantes.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para a ampliação do debate sobre educação antirracista nas artes, incentivando professores, pesquisadores e futuros artistas a reconhecerem o papel transformador da representatividade e da pluralidade visual na construção de uma sociedade mais justa. Além disso, pretende-se que as reflexões aqui apresentadas fomentem novas pesquisas e práticas que deem continuidade à luta contra as desigualdades estruturais presentes no campo artístico e educacional.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (orgs.). A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

HOOKS, bell. Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom. New York: Routledge, 1994.

HOOKS, bell. Art on My Mind: Visual Politics. New York: The New Press, 1995.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Publicado originalmente em 2000 (Feminism is for Everybody), tradução brasileira pela Rosa dos Tempos (2013, 2ª ed.).

MENDES, Silvana. Afetocolagens I, 2019. Disponível em: <http://www.silvanamendes.com/>. Acesso em: 10 set. 2025.

ROSALES, Harmonia. The Creation of God, 2017. Disponível em: <https://harmoniarosales.com/>. Acesso em: 10 set. 2025.

TAVEIRA, Ana Carolina Delgado Sandim. HARMONIA ROSALES DISCUTINDO RAÇA, GÊNERO, PODER ECOLONIALIDADE ATRAVÉS DA PINTURA: UMA PROPOSTA DE ARTE/EDUCAÇÃO DECOLONIAL. In: Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil, XXX CONFAEB: Poéticas para Transcender e Enfrentar o Amanhã. 2021, Pelotas/RS. Anais. Pelotas/RS, 2021. Anais UFPel, 2021. p.1267. (p.985 - 996)

TAVEIRA, Ana Carolina Delgado Sandim; ABREU, Simone Rocha de. MUCHO MÁS ALLÁ DE NIÑOS Y NIÑAS, YO SOY AMÉRICA LATINA!Proposta de arte/educação decoloniais. In: In: VI Colóquio de Pesquisas em Fundamentos, Poéticas e Ensino de Artes Visuais / I Seminário do Mestrado Profissional em Artes. Campo Grande/MS, 2021. Anais. Campo Grande/MS: UFMS, 2021.

8. APÊNDICES

APENDICE A – Projeto de curso

MILLANY PORTO SENA

ARTISTAS NEGRAS NO ENSINO DE ARTE ANTIRRACISTA

Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais
apresentado como parte dos requisitos para a aprovação
no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientação: Prof.(a). Dr.(a). Simone Rocha de Abreu.

Campo Grande – MS

2025

1. APRESENTAÇÃO

A arte, enquanto área conhecimentos pertinentes, é fundamental para a formação de identidades. No entanto, o ensino de Artes Visuais no Brasil, em grande parte, ainda reflete uma perspectiva eurocêntrica, que privilegia o cânone europeu em detrimento de produções de outras matrizes culturais. Essa abordagem reforça hierarquias de poder e contribui para a invisibilização de vozes, corpos e histórias que compõem a diversidade social.

Esse contexto, faz pensar no ensino de artes em uma perspectiva crítica, antirracista e decolonial. A educadora e teórica bell hooks (1994) lembra que “a educação como prática da liberdade é um ato de transgressão, no qual ensinar se torna um ato político” (p. 13). Ou seja, ensinar arte não se restringir à reprodução de valores hegemônicos, mas deve possibilitar o reconhecimento e a valorização de diferentes identidades, em especial aquelas historicamente marginalizadas.

Optei por desenvolver um Projeto de Curso em Artes Visuais vinculado ao TCC direcionado à formação de futuros professores do curso de Artes da UFMS. Tal escolha tem como objetivo principal promover formação que será multiplicada, através das atuações docentes desses futuros professores que serão alunos neste projeto que evita que a discussão sobre o antirracismo se restrinja apenas às atividades realizadas no Dia da Consciência Negra, possibilitando sua abordagem contínua ao longo dos anos. Além disso, busca-se ampliar o repertório, incorporando a produção de diferentes artistas, com ênfase em mulheres que investigam e problematizam essa temática em suas obras.

Neste contexto, a Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, que desenvolveu uma proposta para o ensino da arte no Brasil ao integrar três dimensões indissociáveis: o fazer artístico, a apreciação e a contextualização. Esta proposta propõe que o aprendizado artístico vá além da prática técnica ou da simples expressão pessoal, articulando a criação com a leitura crítica e o entendimento histórico, social e cultural das produções visuais. O fazer artístico envolve a experimentação e a produção criativa; a apreciação estimula a observação, análise e interpretação das imagens; e a contextualização amplia a compreensão sobre os contextos e significados que envolvem as obras e os artistas. Dessa forma, o ensino da arte se torna um processo reflexivo, crítico e sensível, que valoriza a diversidade cultural e contribui para a formação de sujeitos capazes de interpretar o mundo e transformá-lo por meio da arte. Com isto em mente, seguremos esta metodologia para a aplicação dos estudos em sala.

Assim, este projeto de curso propõe uma reflexão para professores em formação que valoriza a produção artística de mulheres negras contemporâneas. Tal escolha dialoga com o que hooks (1994) destaca como fundamental: “a representatividade importa, porque permite que sujeitos oprimidos se vejam no espaço do saber e da cultura” (p. 37). Ao trazer para a sala de aula as obras de artistas como Harmonia Rosales e Silvana Mendes, abre-se espaço para a construção de um currículo mais plural, que conecta a experiência estética à realidade social, étnico-racial e cultural dos brasileiros em um modo mais abrangente.

Como já evidenciado ao longo do TCC, Rosales revisita obras clássicas da tradição europeia, substituindo personagens brancos por figuras negras femininas, criando obras únicas que fazem ponte direta com sua racialidade. Mendes, artista brasileira, articula colagens e fotografias em processos de resgate e valorização da memória afro-brasileira, questionando a invisibilização de corpos negros nas narrativas oficiais. Ambas as produções exemplificam a potência de uma arte que não apenas reflete o mundo, mas o transforma, tornando-se ferramenta de resistência e emancipação.

Dessa forma, este trabalho se alinha a uma perspectiva educativa que compreende a arte como prática política, cultural e transformadora. Ao considerar a centralidade da representatividade e da diversidade, buscamos construir um espaço pedagógico que dialogue com os estudantes em sua pluralidade, reafirmando a potência da arte enquanto construção de conhecimento no que relaciona a crítica, identidade e libertação.

Este Projeto de Curso foi desenvolvido em 4 encontros noturnos de 2:30 horas cada aula.

2. OBJETIVO GERAL

Promover o ensino de arte com abordagem, antirracista e sua importância no enfrentamento ao racismo. As obras de Harmonia Rosales e Silvana Mendes, contribuem para a formação de uma consciência crítica antirracista, valorizando o papel da produção artística de mulheres negras contemporâneas na construção de novas narrativas e na superação do ensino e aprendizagem e uma linguagem que rompe com as desigualdades simbólicas.

3. CONTEÚDO/TEMA GERAL

O conteúdo deste projeto de curso aborda a representação da identidade negra em uma visão feminina, para uma compreensão do tempo e espaço nas quais as obras foram criadas e a síntese explicitas em cada obra estudada. A partir da análise das obras das artistas, o projeto explora a decolonialidade como um meio de resistência e afirmação enquanto lugar de fala da mulher negra na sociedade e sua posição e afirmação quanto artista mulher. O trabalho de Harmonia Rosales é estudado por meio de leituras de obras renascentistas (período XIV e XVI), nas quais propõem um diálogo claro, onde reposiciona figuras negras e femininas como protagonistas em composições historicamente dominadas por figuras brancas e masculinas em um período clássico do mundo e da arte, invertendo a lógica colonial e patriarcal deixando evidente sua proposta artística e social.

Já a arte de Silvana Mendes, especialmente sua série "*Afetocolagem*", onde a artista estabelece diálogos que questionam e ressignificam imagens de pessoas negras que, por muito tempo, foram retratadas de forma estereotipada e desumanizada, explorando por muitas vezes a escravidão e o desrespeito ao povo negro, dessa forma a artista utiliza técnicas para produzir e construir uma visualidade que valoriza a dignidade, a beleza e a ancestralidade das pessoas negras.

4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR

Acadêmicos da Graduação em Artes Visuais da UFMS do quarto semestre, ou seja, no momento de início dos estágios obrigatórios.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1

Objetivos específicos

- Compreender a necessidade da luta antirracista no ensino de arte;
- Promover a discussão crítica e social sobre a ausência de corpos negros e outras matrizes culturais não hegemônicas nas obras de arte;
- Analisar como a área de conhecimento de arte pode contribuir com a luta antirracista;
- Compreender a relevância da luta das mulheres contra o racismo.

Conteúdo específico

- A arte e a sua contribuição para a luta antirracista.
- A arte contemporânea e sua contribuição antirracista.

Metodologia

A compreensão da necessidade da luta antirracista configura-se como elemento fundamental na formação de professores e no processo educativo em todas as áreas de conhecimento, inclusive na área de artes. Tal compreensão implica reconhecer que o racismo estrutural se manifesta de diferentes formas nas práticas sociais, políticas e culturais, exigindo ações contínuas e críticas no espaço educacional. Como aponta bell hooks (2017, p. 17), “a sala de aula continua sendo um espaço de possibilidade” desde que se constitua como prática de liberdade e transformação social.

Nesse sentido, torna-se indispensável promover a discussão crítica sobre a ausência de corpos negros e de outras matrizes culturais nas narrativas hegemônicas. A história da arte, por exemplo, ainda privilegia referências eurocêtricas, silenciando produções que emergem de contextos afro-brasileiros, indígenas e de outras tradições culturais. A análise dessa ausência e a inserção de novas narrativas possibilitam uma ressignificação do ensino e da prática artística, colaborando para a construção de identidades mais plurais e representativas. Como reforça Djamila Ribeiro (2019, p. 101), é essencial que “a escola aplique a Lei n. 10.639/2003 [...], um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra”.

A área de conhecimento da Arte pode desempenhar papel central nesse processo, pois a produção artística não apenas reflete realidades sociais, mas também constitui espaço de resistência e de afirmação cultural. Ao problematizar estereótipos, resgatar memórias e valorizar produções marginalizadas, a Arte contribui para a luta antirracista, oferecendo caminhos pedagógicos que ampliam o horizonte crítico de educadores e estudantes. Para hooks (2013), o ensino crítico deve legitimar as vozes historicamente silenciadas, garantindo que novas perspectivas sejam reconhecidas e debatidas.

Ademais, é imprescindível compreender a relevância da luta feminina contra o racismo, especialmente no campo das artes. As mulheres negras enfrentam não apenas as barreiras impostas pelo racismo, mas também as desigualdades de gênero, o que evidencia a necessidade de uma abordagem interseccional. Djamila Ribeiro (2019, p. 119) denuncia que “as mulheres

negras são ultrassexualizadas desde o período colonial [...], sendo as maiores vítimas de violência sexual no país”. Essa condição histórica torna ainda mais urgente o reconhecimento e a valorização de suas vozes e produções. Assim, ao destacar as experiências de mulheres negras, o ensino da arte contribui não apenas para combater a invisibilização, mas também para fortalecer práticas educativas comprometidas com a equidade e a justiça social.

Portanto, a luta antirracista no ensino de arte demanda um olhar crítico, fundamentado na transformação social e na valorização das múltiplas identidades culturais, em consonância com a perspectiva de bell hooks e Djamila Ribeiro, que defendem uma prática pedagógica emancipadora e comprometida com a justiça racial.

Procedimentos Metodológicos

Análise das obras abaixo relacionadas para incitem o debate racial. Importância do protagonismo negro em todas as áreas da vida, inclusive nas artes. Em seguida, será realizada uma "roda de conversa" e um debate crítico, onde leremos trechos previamente selecionados e dispostos abaixo de *Ensinando a Transgredir*, *Olhares negros*, ambos de autoria de hooks e *Pequeno Manual Antirracista* de Djamila Ribeiro, associaremos as frases às obras de arte que serão projetadas, por fim, faremos análise comparativa das obras, incentivando a participação e a reflexão dos alunos sobre as narrativas silenciadas.

Exposição Teórica

Temas centrais:

- Representações de corpos racializados, especialmente mulheres negras, na arte.

Autores e textos fundamentais para a discussão: bell hooks e Djamila Ribeiro.

Citações de bell hooks:

[...]...A educação como prática da liberdade é um ato de coragem e esperança: coragem para lutar contra estruturas de dominação e esperança de que um mundo melhor é possível. (Hooks, 2017, p. 25).

A sala de aula continua sendo um espaço de possibilidade. Nesse campo de possibilidade, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de

nós mesmos e de nossos colegas uma abertura da mente e do coração que nos permita enfrentar a realidade enquanto nos movemos em direção a um futuro de liberdade. (Hooks, 2017, p. 17).

O feminismo é para todo mundo. Não é sobre odiar os homens, mas sobre acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão. (Hooks, 2013, p. 7).

O olhar da mulher negra é um ato de resistência. Em uma sociedade que insiste em nos tornar invisíveis, olhar de volta é afirmar nossa existência. (Hooks, 1992, p. 116).

Citações de Djamilia Ribeiro (*Pequeno manual antirracista*)

A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (Ribeiro, 2019, p. 23).

É fundamental garantir que a escola aplique a Lei n. 10.639/2003 [...]. Um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade. (Ribeiro, 2019, p. 101).

As mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial [...]. Essa ideia serve, inclusive, para justificar abusos: mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual no país. (Ribeiro, 2019, p. 119).

É impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre. (Ribeiro, 2019, p. 93).

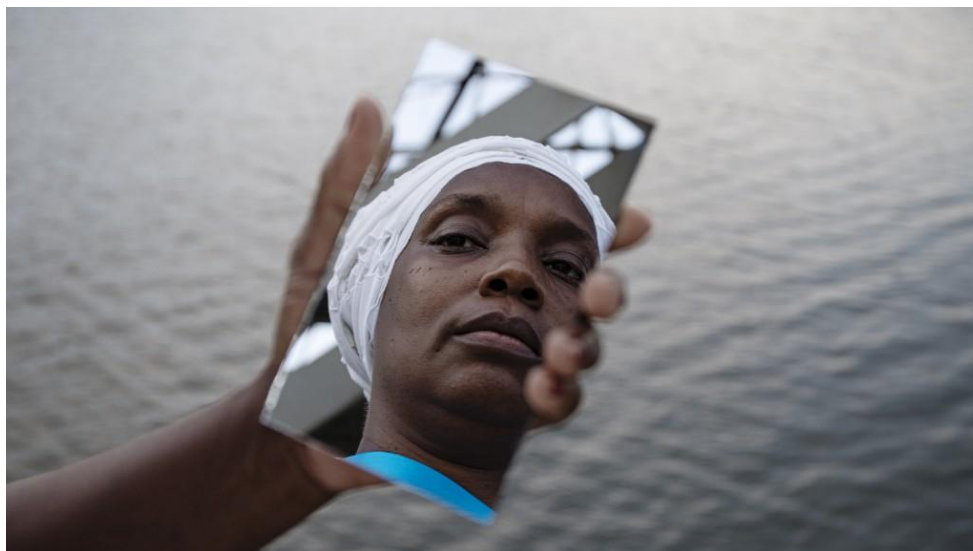
Devemos nos perguntar: quantos talentos o Brasil perde todos os dias por causa do racismo? A situação é ainda mais grave para mulheres negras, que são muitas vezes destinadas ao subemprego: quantas físicas, biólogas, juízas, sociólogas etc. estamos perdendo? Políticas que obrigam as empresas a

pensar e criar ações antirracistas poderiam reverter esse quadro. (Ribeiro, 2019, p. 69).

Ser antirracista é uma postura incômoda, porque exige enxergar privilégios e se responsabilizar por transformações. (Ribeiro, 2019, p. 19).

Obras:

Figura 1. Aline Motta, (Outros) Fundamentos #03, 2017-2019



Fonte: <https://www.premiopipa.com/aline-motta>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 2. Aline Motta, *Filha Natural #1*, 2018-2019



Fonte: <https://www.premiopipa.com/aline-motta>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 3. Aline Motta, *Pontes sobre Abismos #03*, 2017



Fonte: <https://www.premiopia.com/aline-motta>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 4. Samara Paiva, *ESPERANDO O MUNDO GIRAR*, 2021
Acrílica sobre tela 50 x 40 cm. Foto: Divulgação



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/samara-paiva/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 5. *LAR (É O LUGAR QUE SE DORME)*, 2021
Óleo sobre tela 30 x 30 cm.



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/samara-paiva/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 6. Samara Paiva, *CLAREZA, O ATO QUE RENEGO*, 2021



Acrílica sobre tela 30 x 30 cm.

Fonte: <https://projetoafro.com/artista/samara-paiva/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 7. Musa Michelle Mattiuzzi, Experimentando o vermelho em dilúvio. processo 2, 2016, performance, São Paulo – SP.



Foto: Marcelo Paixão (2016)

Figura 8. Musa Michelle Mattiuzzi, Experimentando o vermelho em dilúvio, processo 1, 2014, performance, Salvador – BA. Foto: Hirosuke Kitamura



Fonte: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MfrnQMTZZrpnskzJxGvksYH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 9. Musa Michelle Mattiuzzi, *merci beacoup, blanco!*, 2012, performance, Salvador – BA.
Foto: Hirosuke Kitamura



Fonte: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MfrnQMTZZrpnskzJxGvksYH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 10. Larissa de Souza, *A cura da alma*, 2022
Acrílico, aplicações, folha de ouro e pérola de mica sobre linho, 126 x 146 cm.



Fonte: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/262/larissa-de-souza>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 11. Larissa de Souza, *Há riquezas dentro de mim*, 2021
Acrílico, aplicações e folha de ouro sobre linho, 96 x 127 cm.



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/larissa-de-souza/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 12. Larissa de Souza, *Três Marias*, 2022. Tinta acrílica, bordado e aplicações sobre linho, 166 x 129 cm.
Fonte: <https://projetoafro.com/artista/larissa-de-souza/>. Acesso em: 02/12/2025.



Fonte: <https://projetoafro.com/artista/larissa-de-souza/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 13. *Sunkun Omi Ayé, 2019*

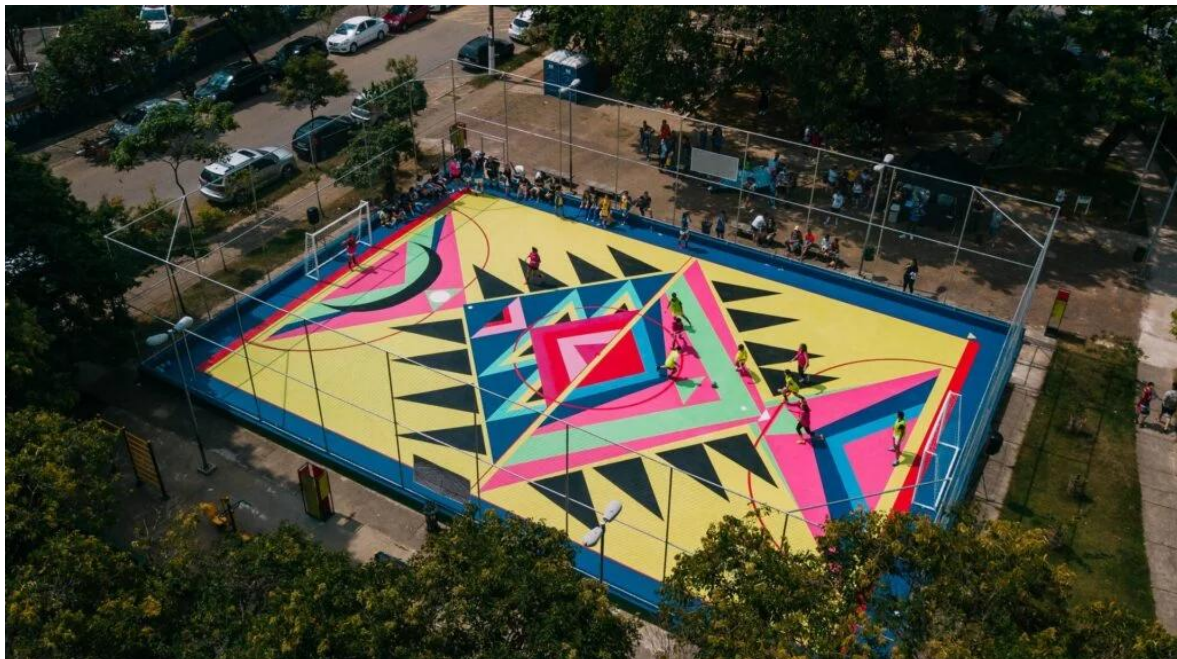
Mural no Vulica Brasil - 5ª edição do festival brasileiro-belarusso de arte urbana, Minsk, Bielorrússia. Foto:



Reprodução/Redes sociais da artista. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 14. *Criola, Jogue igual a uma mulher. raffiti na Praça da Embaixada Nordestina, São Paulo, SP, Brasil.*

Foto: Reprodução/Redes sociais da artista. Acesso em: 02/12/2025.



Reprodução/Redes sociais da artista. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 15. Criola, *Sunkun Omi Ayé*, 2019
Mural no Vulica Brasil - 5ª edição do festival brasileiro-belarusso de arte urbana, Minsk, Bielorrússia.



Reprodução/Redes sociais da artista. Acesso em: 02/12/2025.

Montagem do “mapa de conexões” entre obras e frases.

Após a leitura e análise das obras, iniciará a confecção de um “mapa de conexões”, onde os presentes irão criar em conjunto uma rede de conexões entre as obras apresentadas com as citações das autoras hooks e Djmila Ribeiro utilizadas, para que possa ser feito um direcionamento do debate em razão de facilitar a identificação das semelhanças entre as obras e apresentar a relação entre elas, usando barbantes e as imagens escolhidas com os textos que se encaixam na proposta.

Proposta sensível para finalizar a discussão:

Momento de escuta: **“Depois de ver as imagens, ler os autores e conversar, o que vocês agora conseguem ver que antes talvez passasse despercebido?”**

Cada pessoa escolha **uma palavra** para expressar o sentimento ao ver as obras e observar as conexões criadas.

Recursos

Projektor, computador, textos acadêmicos de apoio, reproduções de obras de arte,

barbante, cola e grampeador, e acesso à internet para pesquisa em sala.

AULA 2

Objetivos específicos

- Analisar as obras de Harmonia Rosales e Silvana Mendes;
- Aprofundar a análise da produção das artistas, destacando as suas contribuições para a arte.
- Compreender as estratégias conceituais e poéticas de ambas as artistas.

Conteúdo específico:

- Harmonia Rosales e Silvana Mendes e suas produções artísticas.

Procedimentos Metodológicos

Inicialmente, os presentes responderão a um questionário que deverá ser feito no *Google Forms* (APENDICE B), para que possam aprofundar ainda mais o debate iniciado na aula anterior, esmiuçando os pontos levantados.

Dando continuidade ao debate, esta etapa será dedicada a um mergulho mais aprofundado na poética individual das artistas Harmonias Rosales e Silvana Mendes, explorando suas trajetórias, escolhas estéticas e estratégias narrativas. O foco estará em compreender como suas produções artísticas dialogam com a perspectiva decolonial, desestabilizando o cânone eurocêntrico das artes visuais e propondo novas visualidades que emergem de contextos atuais.

Também será usado citações do livro de Oyewumi Oyeronke, *A Invenção das Mulheres*, para uso de contextualização destas obras, compreendendo suas reflexões e estudos sobre a vivência negra em culturas africanas e as influências orientais sobre as sociedades desta região.

Para embasar a discussão, serão apresentados materiais de apoio como:

- Entrevistas concedidas pelas artistas, nas quais revelam seus processos criativos, influências e posicionamentos políticos; (ANEXO I a IV)
- Análises visuais e conceituais de trabalhos específicos, com destaque para elementos simbólicos, materiais utilizados, técnicas e modos de circulação dessas obras.

Figura 16. *Afetocolagens Série I*, 2019. Colagem digital impressa sobre papel Hahnemuhle Photo Rag, medidas variáveis.



Fonte: <https://www.premiopia.com/silvana-mendes/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 17. Alberto Henschel. *Babá com o menino Eugen Keller*. 1874. Rio de Janeiro, RJ / Acervo IMS



Fonte: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/38824/pdf/209925>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 18. O Nascimento de Oxum, Harmonia Rosales (2017). Óleo sobre linho belga, 55” x 67”.



Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/birth-of-oshun>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 19. O Nascimento de Vênus, Sandro Botticelli (1483). Tempera sobre tela, 172.5” × 278.5”.

Galleria Degli Uffizi, Florença.



Fonte: <https://post-italy.com/o-nascimento-de-venus-a-obra-prima-de-botticelli-nas-gallerie-degli-uffizi/>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 20. Harmonia Rosales, *Ainda Assim Nos Levantamos* (2021). Óleo sobre tela. 60” x 55”



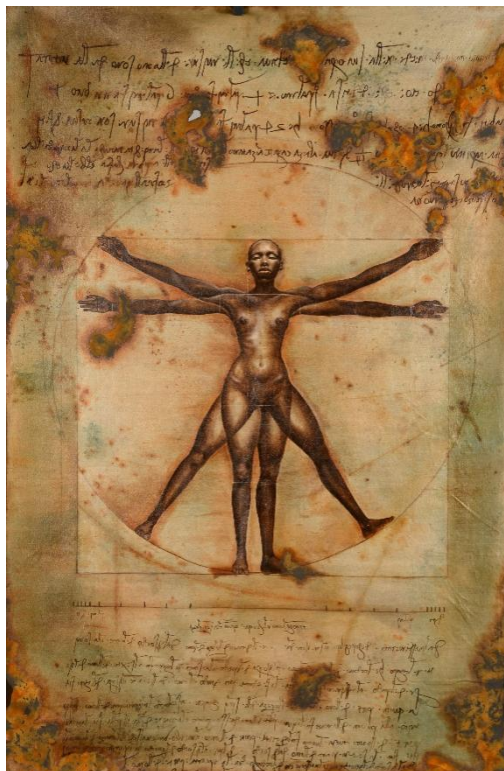
Fonte: <https://www.harmoniarosales.art/catalogue/still-we-rise>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 21. Michelangelo, Juízo Final (1536-1541). Afresco, 13,7 x 12 m
Capela Sistina, Vaticano



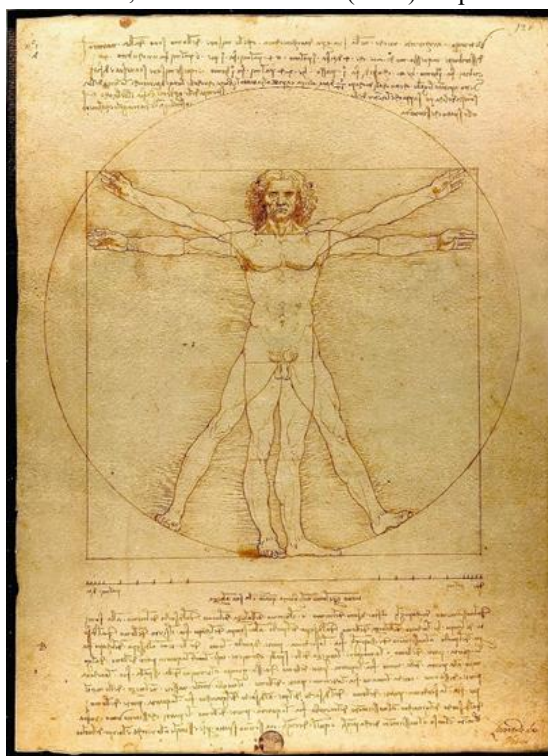
Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0kxk7e86dyo>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 22. A Mulher Virtuosa, Harmonia Rosales (2017). Óleo sobre linho belga, 72" x 48"



Fonte: <https://lappis.org.br/site/a-representatividade-da-mulher-vitruviana-negra-para-o-grupo-de-pesquisa-lappis/6738>. Acesso em: 02/12/2025.

Figura 23. O Homem Vitruviano, Leonardo da Vinci (1490). Lápis e tinta sobre papel. 35"x 26"



Fonte: <https://anatomiaefisioterapia.com/2018/07/16/o-homem-vitruviano-arquitetura-anatomia-e-arte/>. Acesso em: 02/12/2025.

Esta abordagem metodológica, mediada por um espaço de escuta ativa e reflexão crítica, propõe que a produção artística de mulheres negras seja compreendida não apenas como expressão estética, mas como um gesto político e social. Ao destacar essas produções, revelam-se narrativas que ultrapassam os limites do tempo histórico, rompendo com os paradigmas padronizados e hegemônicos da história da arte.

Logo após, iniciará uma roda de conversa com a presença de Luna Sena (mulher trans preta) e a professora mestra Fabiola Lima, sobre as vivências pessoais de cada uma em relação ao racismo na pele e estrutural, apontando sobre as questões que norteiam a abordagem antirracista na docência. Com isso, será feito um breve resumo debatido em grupo entre os alunos acerca dos relatos assistidos, vendo como cada aluno monta sua linha de raciocínio para que criem conexões entre as artistas e a roda de conversa.

Recursos

Projektor, computador, material de apoio (textos, imagens), acesso à internet, folhas A4, integrantes da roda de conversa.

Avaliação

Será levado em consideração o entendimento acerca das relações entre as artistas e os relatos da roda de conversa, vendo se o embasamento dos alunos faz a conexão necessária e que seja claro para que se possa decorrer o assunto com fluência.

AULA 3

Objetivos específicos

- Analisar e orientar o desenvolvimento de uma produção artística baseada nos conceitos de decolonialidade e ressignificação.
- Desenvolver a reflexão crítica e o aprofundamento do processo criativo individual.
- Elaborar a produção e a escrita das análises conceituais.
- Planejar e orientar o desenvolvimento de uma produção artística baseada nos conceitos de decolonialidade e ressignificação.
- Promover a reflexão crítica e o aprofundamento do processo criativo individual e coletivo

Conteúdo Específico

- Representação visual das mulheres negras a partir de diferentes linguagens visuais.

Procedimento Metodológico

Prática de ateliê com foco na adaptação/reestruturação de uma obra canônica, com a inserção de narrativas, corpos e identidades que foram historicamente silenciadas. O foco é a produção de uma obra que combine teoria e prática com a formação de grupos divididos pela quantidade de alunos na sala.

As aulas serão dedicadas ao desenvolvimento do projeto prático dos alunos. O professor irá orientar individualmente e em grupo, incentivando a pesquisa e a experimentação de diferentes técnicas e materiais (pintura, colagem, desenho etc.). Os alunos deverão elaborar um memorial descritivo, documentando o processo criativo e o embasamento teórico-conceitual da obra.

A representação visual das mulheres negras ocupa um espaço central nas discussões sobre identidade, estética e política. Historicamente, a imagem da mulher negra foi construída a partir de estereótipos racistas e sexistas, muitas vezes ligados à objetificação, à hipersexualização ou à invisibilidade. No entanto, artistas contemporâneas e pesquisadoras têm reivindicado novas formas de narrar e visibilizar essas mulheres, desconstruindo o olhar colonial e eurocêntrico.

Nas artes visuais, essa representação aparece em diversas linguagens: pintura, escultura, fotografia, performance, colagem digital e até nas produções audiovisuais. Cada linguagem traz possibilidades distintas de significação, como pintura e ilustração, onde possibilitam recriar corpos negros em cenários de poder, beleza e divindade, como fazem artistas como Harmonia Rosales, que reinterpreta obras clássicas com figuras femininas negras. Fotografia serve como instrumento de registro e resistência, dando visibilidade a histórias invisibilizadas, artistas como Silvana Mendes utilizam arquivos fotográficos para ressignificar memórias coloniais, assim utilizando colagem e linguagens digitais, que ampliam as possibilidades de reconstrução de narrativas, combinando imagens de arquivo, símbolos africanos e elementos contemporâneos, numa estética de resistência e afirmação. Performance e audiovisual incorporam o corpo como linguagem central, reafirmando a experiência vivida e questionando padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade.

Essa pluralidade de linguagens evidencia o caráter político da arte. A representação de

mulheres negras não é apenas estética, mas também epistemológica, pois questiona quais histórias são contadas, quem as conta e de que forma. Autoras como bell hooks (1995), em *Olhares Negros: raça e representação*, destacam a importância de ocupar o espaço das imagens, para que mulheres negras não sejam apenas objeto de representação, mas também sujeitas produtoras de narrativas visuais.

Ao falarmos da representação visual das mulheres negras em diferentes linguagens, estamos tratando de um campo que une arte, memória, resistência e reexistência, ampliando o repertório simbólico e educativo para a construção de uma sociedade mais plural e antirracista.

Durante as aulas teóricas e expositivas, o uso de recursos audiovisuais terá um papel fundamental ao possibilitar uma análise comparativa entre diferentes obras de arte. Por meio da projeção e observação conjunta de imagens, os alunos poderão refletir criticamente sobre a representação das mulheres negras na história da arte, observando tanto as obras canônicas quanto suas próprias criações contemporâneas.

Na sequência, será realizada uma roda de conversa, espaço de escuta e troca, onde os estudantes serão incentivados a participar ativamente por meio de debates mediados com perguntas provocadoras. Entre os temas abordados, destacam-se a construção de uma linha do tempo crítica sobre a representação das mulheres negras na arte ocidental e a análise comparativa entre obras tradicionais e produções artísticas que propõem uma ressignificação dessas narrativas. Essa metodologia busca não apenas desenvolver o pensamento crítico dos alunos, mas também fomentar uma reflexão sobre as estruturas de poder presentes nas representações visuais e sobre a importância de ampliar os repertórios simbólicos no campo das artes.

Após, será feita uma divisão da turma em grupos de 4 a no máximo 6 integrantes. Cada grupo escolherá uma obra canônica a ser reinterpretada sob uma perspectiva decolonial.

Cada grupo deverá elaborar um **memorial descritivo** que acompanha a obra, que descreva:

- O processo criativo (etapas, decisões estéticas, materiais usados);
- A fundamentação conceitual e teórica;
- As referências utilizadas (visuais, críticas e textuais);
- As intenções poéticas e políticas da obra.

Apresentação

Finalização da produção artística e preparação da apresentação oral. Cada grupo apresentará sua obra e seu memorial descritivo em uma sessão expositiva, explicando os conceitos, processos e escolhas visuais.

Recursos

Materiais de ateliê variados (tintas, papéis diversos, materiais para colagem, cola, revistas, jornais, tesoura, acesso a recursos de pesquisa (internet, livros, revistas, jornais etc.).

Avaliação

Orientação individual e coletiva dos grupos, com foco na experimentação de técnicas e materiais: pintura, colagem, bordado, desenho, assemblagem entre outros. Os alunos devem trabalhar na reestruturação da obra escolhida, inserindo novas narrativas visuais relacionadas à presença e identidade das mulheres negras.

A avaliação será realizada de forma contínua e processual, considerando não apenas o resultado, mas o envolvimento e a evolução dos alunos ao longo da atividade. O foco principal será na **ressignificação crítica de obras artísticas canônicas**, com base nos conceitos de decolonialidade, representação e identidade discutidos em aula.

Serão observados os seguintes critérios:

- **Compreensão conceitual** (Apropriação dos conceitos de decolonialidade, representação, silenciamento e resistência).
- **Análise crítica da obra original** (Leitura visual e contextual da obra canônica): identificação de ausências, estereótipos ou apagamentos nas representações.
- **Ressignificação:** novas narrativas, ruptura com os padrões hegemônicos de representação, especialmente em relação à raça, gênero e classe.
- Clareza nas escolhas feitas para a resignificação.
- Participação nas discussões em sala e nas rodas de conversa.

AULA 4

Seminário de Apresentação Final

Objetivos Específicos

- Apresentar e contextualizar os projetos artísticos desenvolvidos, articulando-os aos conceitos de arte decolonial e representatividade de mulheres negras.
- Promover reflexão e crítica construtiva entre os estudantes, valorizando a diversidade de perspectivas sobre os processos criativos.
- Elaborar ficha técnica e texto explicativo, registrando referências visuais e conceituais das produções.
- Realizar avaliação e reflexão coletiva sobre o percurso formativo.

Conteúdo Específico

- Mediação cultural e montagem expositiva como estratégias de apresentação e contextualização de obras para diferentes públicos, compreendendo a produção artística como gesto político que constrói narrativas visuais e rompe com padrões hegemônicos.

Procedimentos Metodológicos

A aula será organizada em formato de **seminário de apresentação**, no qual os integrantes irão expor suas obras autorais com base nos conceitos estudados (decolonialidade, representação, silenciamento, identidade, presença negra feminina).

Cada grupo deverá:

1. Apresentar oralmente sua obra, explicando a proposta estética e conceitual.
2. Detalhar o processo criativo e as escolhas materiais, formais e simbólicas realizadas.
3. Relacionar sua produção às artistas contemporâneas estudadas (Harmonia Rosales, Silvana Mendes).
4. Responder uma ficha técnica e memorial descritivo, pelo *Google Doc*, um formulário contendo:
 - Título da obra;
 - Técnica utilizada;
 - Texto explicativo (contexto, conceito e referências);
 - Imagem da obra criada (anexo em foto).

Em seguida, haverá um **debate aberto com a turma**, promovendo uma escuta ativa e crítica construtiva. O momento será de troca de experiências e a reflexão sobre os diferentes caminhos criativos escolhidos.

A aula se encerra com uma roda de conversa coletiva, onde os alunos são convidados a refletir sobre: Os principais aprendizados do projeto, as mudanças de percepção ao longo do processo, a importância de promover espaços de escuta e visibilidade para narrativas historicamente silenciadas e a arte como instrumento de transformação social e política.

REFERÊNCIAS

ANGELOZI, R. S. O. et al. Coletânea Pretas de Elite. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Renascer, 2024.

ARTISTAS LATINAS. Harmonia Rosales. Disponível em: <http://artistaslatinas.com/harmoniarosales>. Acesso em: 4 out. 2021.

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. da (orgs.). A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. São Paulo: Cortez, 2010.

FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL. Anais do XXX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil e VIII Congresso Internacional de Arte/Educadores. 2021.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOOKS, bell. Art on My Mind: Visual Politics. New York: The New Press, 1995.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2013.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MENDES, Silvana. Afetocolagens I, 2019. Disponível em: <https://www.silvanamendes.com/afetocolagens1>. Acesso em: 10 set. 2025.

MENDONÇA, T. Djamila Ribeiro: “não dá pra tratar as opressões de forma isolada”. Disponível em: <http://www.atarde.uol.com.br/muito/noticias/2053243-djamila-ribeiro-nao-da-para-tratar-as-opressoes-de-forma-isolada>. Acesso em: 13 maio 2019.

PRÊMIO PIPA. Silvana Mendes. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/silvanamendes>. Acesso em: 28 nov. 2024.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSALES, Harmonia. About. Harmonia Rosales Art. Disponível em: <https://www.harmoniarosales.com/about>. Acesso em: 28 nov. 2024.

ROSALES, Harmonia. CV | Harmonia Rosales. Disponível em: <https://www.harmoniarosales.com/cv>. Acesso em: 2 dez. 2025.

ROSALES, Harmonia. The Creation of God, 2017. Disponível em: <https://www.harmoniarosales.com/thecreationofgod>. Acesso em: 10 set. 2025.

TATE. Black Artists & Modernism. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/research/tate-papers/36/transforming-collections-information-at-tate-the-case-for-an-embedded-artist-directed-and-object-centred-ethos>. Acesso em: 2 dez. 2025.

TAVEIRA, Ana Carolina Delgado Sandim. Harmonia Rosales discutindo raça, gênero, poder e colonialidade através da pintura: uma proposta de arte/educação decolonial. In: XXX CONFAEB: Poéticas para Transcender e Enfrentar o Amanhã, 2021, Pelotas/RS. Anais. Pelotas: UFPel, 2021. p. 985–996.

TAVEIRA, Ana Carolina Delgado Sandim; ABREU, Simone Rocha de. Mucho más allá de niños y niñas, yo soy América Latina! Proposta de arte/educação decolonial. In: VI Colóquio de Pesquisas em Fundamentos, Poéticas e Ensino de Artes Visuais; I Seminário do Mestrado Profissional em Artes, 2021, Campo Grande/MS. Anais. Campo Grande: UFMS, 2021.

APENDICE B – Questionário dos alunos sobre a roda de conversa

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfMfC4f6xv7lYwSpTmLnYRD7nHCE5lqLfApUkMbeYWp02ey2w/viewform?usp=header>

APENDICE C – Questionário online da produção das obras

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfy6qZ0h53Hlj7G-POGG3XvTa3cwsH4PSZMCmZWfDhdDX6Y_Q/viewform?usp=dialog

9. ANEXOS

ANEXO I – Entrevista Silvana Mendes

<https://projetoafro.com/editorial/entrevista-pt/conversa-com-artista-silvana-mendes/>

ANEXO II – Amostra de Silvana Mendes em Paris

<https://www.portasvilaseca.com.br/pt/noticia/entre-paris-e-amiens-a-fotografia-critica-de-silvana-mendes-em-destaque-na-franca>

ANEXO III – Entrevista Harmonia Rosales

<https://www.saberesafricos.net/noticias/cultura/3378-cuando-dios-es-una-mujer-negra-entrevista-a-harmonia-rosales.html>

ANEXO IV – Entrevista Harmonia Rosales na CNN

<https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/artista-afro-cubana-recria-arte-renascentista-com-negros-como-figuras-principais/>